



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS LIBRAS

Antonia Dávila Fernandes Amaral Bezerra

Análise, tradução e adaptação literária: Recurso para crianças surdas em Escola Bíblica
Dominical

CARAÚBAS

2025

Antonia Dávila Fernandes Amaral Bezerra

Análise, tradução e adaptação literária: Recurso para crianças surdas em Escola Bíblica
Dominical

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de licenciatura em
Letras Libras.

Orientador: Prof. Me. Mauro Silvano Medeiros
Pereira

.

CARAÚBAS

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

B4701 Bezerra, Antonia Dávila Fernandes Amaral.
4a Análise, tradução e adaptação literária: Recurso para crianças surdas em
Escola Bíblica Dominical / Antonia Dávila Fernandes Amaral Bezerra. - 2025.
58 f. : il.

Orientador: Mauro Silvano Medeiros Pereira.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras, 2025.

1. Literatura Surda. 2. Religião. 3. Escola
Bíblica infantil. 4. Tradução. 5. Acessibilidade.
I. Pereira, Mauro Silvano Medeiros, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade com
AACR2 e os dados fornecidos pelo autor(a).
Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Sarah Freire Bezerra
CRB: 15/1052

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Antonia Dávila Fernandes Amaral Bezerra

Análise, tradução e adaptação literária: Recurso para crianças surdas em Escola Bíblica Dominical

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de licenciatura em Letras Libras.

Defendido em: 20/ 03/ 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MAURO SILVANO MEDEIROS PEREIRA**
Data: 30/03/2025 19:09:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Mauro Silvano Medeiros Pereira (UFERSA) Presidente

Documento assinado digitalmente
 **GLAEDES PONTE DE CARVALHO SOUSA**
Data: 31/03/2025 13:59:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Glaedes Ponte de Carvalho Sousa (UFERSA) Membro
Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **SÂMIA RUTH MEDEIROS PEREIRA**
Data: 31/03/2025 09:35:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Esp. Sâmia Ruth Medeiros Pereira (UERN) Membro Examinadora

Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados (1 João 4:9-11).

AGRADECIMENTOS

Neste espaço, gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus, por me orientar e me fortalecer todos os dias, Ele é o motivo da minha existência, é para ele que eu vivo e dedico tudo que faço. Sem o amor e as bênçãos de Deus em minha vida, com certeza eu não conseguiria chegar ao fim desta graduação com êxito.

Agradeço em especial ao meu esposo, Adenilson Costa, o meu maior incentivador e ajudador, ele acreditou em mim até quando eu mesma não acreditava, e lutou por mim e para mim, para que esse sonho se tornasse realidade. Obrigada meu amor, sem você eu não teria conseguido!

Expresso minha gratidão também a minha mãe, meu maior exemplo de profissional, que sempre desempenhou seu papel de educadora com excelência e dedicação. Ela sempre me incentivou a estudar e me mostrou a beleza da educação. Quando eu era ainda pequena, me levava para a sua sala de aula, lá era possível perceber que a docência se faz com amor. Mãe, foi o seu exemplo que me fez desejar estar aqui, obrigada por tudo!

Sou grata ao meu pai, e reconheço seu apreço pelo estudo, o qual me explicava, sempre que tinha oportunidade, que a educação tem um poder transformador, essa transformação seria possível em minha vida. Aos meus irmãos e toda a minha família e amigos, obrigada por me incentivarem e torceram por mim.

Agradeço especialmente ao professor e orientador deste trabalho, Me. Mauro Silvano Medeiros Pereira, pelo tempo dedicado à minha orientação, pela sua competência, dedicação e todas as contribuições oferecidas a essa pesquisa. As vivências e experiências construídas durante essa produção serão lembradas por toda a minha trajetória acadêmica, você foi muito importante neste processo.

Não poderia deixar de agradecer aos meus professores, desde a educação infantil até a conclusão deste curso de graduação, vocês foram essenciais neste processo, se dedicaram a me ensinar com muita competência e dedicação, vocês me inspiram. Carrego comigo um pouco das práticas docentes de cada um de vocês, sejam cientes, que terei muito orgulho de trabalhá-las em minha sala de aula. Aos meus professores e colegas surdos, agradeço por compartilharem comigo as suas experiências e me permitirem fazer parte desta luta por respeito, inclusão e valorização. Sentirei muita saudade de vocês e das partilhas que tivemos.

Por fim agradeço aos professores da banca Profa. Ma. Glaedes Ponte de Carvalho Sousa e Profa. Esp. Sâmya Ruth Medeiros Pereira por dedicarem seu precioso tempo à leitura e análise desta pesquisa, como também as contribuições ofertadas.

RESUMO

O povo surdo tem seus direitos garantidos por leis de acessibilidade, inclusão e liberdade de crença, conquistados por meio de lutas e mobilizações. No entanto, a efetivação desses direitos na prática ainda enfrenta desafios, especialmente no que se refere às barreiras linguísticas em diversos espaços. Essa realidade foi observada na Escola Bíblica Dominical (EBD) da Assembleia de Deus em Caraúbas/RN, onde não havia materiais didáticos adaptados para o ensino de crianças surdas. Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo examinar a obra *Bíblia para Crianças - Jesus e as Histórias da Bíblia*, de Martins (2023), com o intuito de elaborar um recurso tradutório didático-visual voltado para o ensino de crianças surdas em espaços não escolares, respeitando e valorizando sua cultura e identidade. O referencial teórico fundamenta-se na literatura, explorando suas definições e contribuições; na literatura surda, abordando sua trajetória histórica, conceitos e pilares; e na interseção entre literatura e religião, analisando sua compatibilidade e influência. Por fim, analisamos o recurso didático desenvolvido e suas contribuições para a aprendizagem das crianças surdas na EBD, bem como seu impacto no fortalecimento da identidade e cultura surda.

Palavras-chave: Crianças surdas. Acessibilidade. Literatura surda. Ensino religioso. Material didático adaptado.

ABSTRACT

The deaf community has its rights guaranteed by laws on accessibility, inclusion, and freedom of belief, achieved through struggles and mobilizations. However, the practical implementation of these rights still faces challenges, particularly concerning linguistic barriers in various environments. This reality was observed in the Sunday School (Escola Bíblica Dominical - EBD) of the Assembleia de Deus in Caraúbas/RN, where there were no adapted didactic materials for teaching deaf children. Given this context, this study aims to examine the book "Bíblia para Crianças – Jesus e as Histórias da Bíblia", by Martins (2023), to develop a didactic-visual translation resource aimed at teaching deaf children in non-school settings while respecting and valuing their culture and identity. The theoretical framework is based on literature, exploring its definitions and contributions; on deaf literature, addressing its historical trajectory, concepts, and pillars; and on the intersection between literature and religion, analyzing its compatibility and influence. Finally, we analyze the developed didactic resource and its contributions to the learning process of deaf children in the EBD, as well as its impact on strengthening deaf identity and culture.

Keywords: Deaf children. Accessibility. Deaf literature. Religious education. Adapted didactic material.

LISTAS DE IMAGENS

Imagem 01: Capa do material - Jesus e as histórias da Bíblia.....	39
Imagem 02: Capa da História - O nascimento de Jesus.....	43
Imagem 03: Capa da História - A Santa Ceia.....	44
Imagem 04: Capa da narrativa - Jesus é Crucificado.....	46
Imagem 05: Qr code da tradução – O nascimento de Jesus.....	51
Imagem 06: Qr code da tradução – A Santa Ceia.....	52
Imagem 07: Qr code da tradução – A Crucificação de Jesus.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EBD	Escola Bíblica Dominical
EBDI	Escola Bíblica Dominical Infantil
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UFS	Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Recorte da Tradução - O Nascimento de Jesus.....	47
Tabela 02: Recorte da Tradução - O Nascimento de Jesus: Expressões não manuais	48
Tabela 03: Recorte da Tradução - O Nascimento de Jesus - Datilologia - Estábulo	49
Tabela 04: Recorte da Tradução - O Nascimento de Jesus - Sinal: Estábulo	50
Tabela 05: Recorte da Tradução - A Santa Ceia.....	51
Tabela 06: Recorte da Tradução - A Santa Ceia: Sinalização: Agradecer a Deus.....	52
Tabela 07: Recorte da Tradução - A Crucificação de Jesus.....	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.2 Literatura Surda.....	23
2.3 Literatura e Religião.....	30
3. METODOLOGIA	36
3.1 Corpus da Pesquisa.....	37
3.2 Tradução da obra.....	39
3.3 Procedimentos metodológicos.....	39
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	39
4.1 A obra literária em mãos: acessibilidade linguística para surdos.....	45
4.2. Qr codes das traduções.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

Educação de pessoas surdas passou ao longo da história por diversos momentos que hora favorecia e hora prejudicava o povo surdo, como apresentado por Strobel (2009):

A história da educação de surdos não é uma história difícil de ser analisada e compreendida, ela evolui continuamente apesar de vários impactos marcantes, no entanto, vivemos momentos históricos caracterizados por mudanças, turbulências e crises, mas também de surgimento de oportunidades (Strobel, 2009, p. 03).

Analisando a fala de Strobel podemos citar o congresso de Milão (Strobel, 2009), onde ocorreu um encontro de educadores de surdos, que resultou, após votação, a proibição do uso da Língua de Sinais, acontecimento negativamente marcante na educação dos surdos.

Strobel (2009) em seu estudo que tem por título “História da Educação dos Surdos”, faz um registro e um estudo das informações relacionadas ao surdo ao longo da história, ela apresenta como os surdos eram vistos na Grécia durante a Idade Antiga, Strobel (2009) apresenta,

Na Grécia, os surdos eram considerados inválidos e muito incômodo para a sociedade, por isto eram condenados à morte – lançados abaixo do topo de rochedos de Taygète, nas águas de Barathere - e os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou abandonados só (Strobel, 2009, p.18)

Apesar de altos e baixos, foi através de muita luta que os surdos conseguiram ganhar voz na sociedade e leis que garantem os seus direitos. Ao longo do tempo conquistas importantes foram alcançadas, entre elas está o reconhecimento oficial da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, (Lei Nº 10.436 de 24 de Abril de 2002), a regulamentação da profissão de tradutores intérpretes de Libras (Lei nº 12.319 de 01 de setembro de 2010 tendo sido atualizada pela lei Lei nº 14.704 de 25 de outubro de 2023), a lei das pessoas com deficiência (Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015) enfatizamos que esta asseguram os direitos referentes à participação de atividades sociais, a comunicação e à liberdade de pessoas com deficiências, incluindo os surdos. No art. 8º, apresenta que,

É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao

respeito, à *liberdade*, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico (Brasil, 2015, p. 2).

De encontro à garantia da liberdade da pessoa com deficiência citada acima, é importante destacar que a constituição no artigo 5º, inciso VI, em que nos assegura o direito à crença e a liberdade religiosa como algo inviolável. Diante disso, Rabi David Wolpe (2008) em sua palestra na universidade de Emory na Geórgia, ensinou que “a religião tem a capacidade de penetrar num mundo onde existe grande dor, sofrimento e perda, e trazer à tona significado, propósito e paz”, a partir desse ensinamento podemos entender a importante contribuição da religião e da fé na vida dos seres humanos, trazendo paz e confiança nos momentos de dificuldade e sofrimento.

Pensando sobre as leis que garantem a acessibilidade da pessoa surda e o direito à crença e liberdade religiosa, podemos perceber que assim como nas outras esferas, observamos que ainda falta acessibilidade para pessoas surdas nas igrejas, a qual temos muitas obras religiosas, mas poucas traduzidas ou adaptadas para o surdo, gerando barreira linguística, e por conseguinte, ausência de tradutores intérpretes de Libras nos encontros religiosos; tais carências culminam em prejuízo na fé cristã da pessoa surda. Como membra da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, na cidade de Caraúbas RN, destaco as afirmações supracitadas através de experiências e observações realizadas, especialmente após o ingresso no curso de Letras Libras na Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, quando pude adquirir mais conhecimentos a respeito dos direitos da comunidade surda.

As instituições evangélicas reúnem-se semanalmente ou diariamente para prestarem o seu culto, nessas reuniões há leituras bíblicas, cânticos, orações e ensinamentos baseados na Bíblia Sagrada¹, tais encontros fortalecem a fé cristã, pois trazem palavras de esperança, amor, comunhão e paz. Destaco dentre essas reuniões, a Escola Bíblica Dominical Infantil (EBDI), onde a principal ação desenvolvida é o ensino da Bíblia Sagrada para crianças de 03 a 11 anos. Logo, esse ensino será o objeto da observação para o desenvolvimento da problemática deste trabalho.

¹ A bíblia Sagrada é um antologia de textos religiosos da religião judaica cristã, consiste em um apanhado de acontecimentos narrados por escritores, que os cristãos acreditam terem sido inspirados por Deus, com a finalidade de instruir os seguidores, registrar as profecias e os milagres de Jesus para que por fim a humanidade fundamente a sua fé. Na sua originalidade foi escrita em hebraico, aramaico e grego koiné, e posteriormente traduzido para a maioria dos idiomas utilizados hoje. A Bíblia conta com 66 livros, sendo a Bíblia da igreja católica 73 livros.

Por ter experienciado a Escola Bíblica Dominical Infantil na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no município de Caraúbas/RN, percebemos que infelizmente a escola bíblica não dispõe de materiais didáticos acessíveis para o ensino de crianças surdas, o que resulta no não cumprimento do principal objetivo, que é a aprendizagem das crianças sobre Deus, a igreja e o próximo, partindo dessa perspectiva nos inquietamos a pesquisar, como possibilitar que os alunos surdos da EBDI consigam aprender sobre as histórias bíblicas, em específico “O nascimento de Jesus”, “A Santa Ceia” e “Jesus é crucificado”.

O objetivo geral deste trabalho é **examinar a obra Bíblia para crianças - Jesus e as histórias da Bíblia, de Martins (2023), com o propósito de elaborar um recurso tradutório didático visual voltado para o ensino de crianças surdas em espaços não escolares, respeitando e valorizando a cultura e a identidade surda.**

Para tanto, esse estudo tem por título: ANÁLISE, TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO LITERÁRIA: RECURSO PARA CRIANÇAS SURDAS EM ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL. Para embasar as discussões, estudaremos os conceitos e percepções dos autores sobre a Literatura geral, Literatura Surda e Literatura e Religião.

O estudo está dividido em 2 tópicos. No primeiro elucidaremos o leitor sobre os termos “Religião” e “Literatura Surda”, neste último nosso foco será a tradução para língua de Sinais, tendo em vista ser a ação escolhida para o desenvolvimento do recurso didático. No segundo capítulo avaliaremos o material didático que está inserido na obra Bíblia Infantil - Jesus e as histórias da Bíblia de Martins (2023) que foi traduzido, considerando sua aplicação na EBDI de Caraúbas/RN.

A tradução de histórias da Bíblia Sagrada Infantil além de contribuir no ensino de crianças surdas da Escola Bíblica Dominical Infantil da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, faz-se necessário para assegurar o direito de uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como orienta a Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002, dessa maneira contribui para a valorização da identidade surda, garante também a inclusão como delibera a lei nº 13.146 de 06 de junho de 2015 e também possibilita recursos para que a liberdade religiosa seja um direito realmente alcançado pelos surdos, proporcionando, a partir das crianças, o conhecimento sobre Deus e a religião na sua primeira língua.

Diante da importância dessa pesquisa, como citado anteriormente, esse trabalho justifica-se pela necessidade apresentada na EBDI da Assembleia de Deus na cidade de Caraúbas/RN de material didático adaptado/traduzido para criança surda, objetivamos que a partir desse material que os alunos possam conhecer mais sobre a sua religião, sobre Deus e os

preceitos que regem a fé cristã, pois consideramos esse conhecimento essencial para o exercício da crença e da religião.

Dito isso, nossa pesquisa tem por objetivo propor um recurso tradutório didático visual para o ensino de crianças surdas, considerando a aplicabilidade em espaços não escolares, ponderando aspectos da cultura e identidade surda. E como objetivo específico, apresentar a tradução das histórias bíblicas infantis acessíveis para crianças surdas, com ênfase na comunicação em Língua de Sinais; Analisar a tradução das histórias bíblicas infantis, refletindo a contribuição para a aprendizagem e fortalecimento da identidade surda na Escola Bíblica Dominical.

Ademais, a seguir, discutiremos sobre as bases teóricas que sustentam nossa pesquisa, sendo elas: A literatura, refletindo acerca dos estudos dos teóricos sobre o que é literatura; Literatura Surda, abordando pontos importante da sua história, nas contribuições e nos pilares que compõem essa literatura e Literatura e Religião, refletindo sobre ambas em uma perspectiva de contribuições e compatibilidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, discutiremos o embasamento teórico para esse trabalho, a qual tem como preocupação buscar um apanhado de concepções e teorias que irão nos auxiliarem nas discussões acerca dos assuntos abordados.

Discutiremos a Literatura geral, entendendo as suas multifaces que são construídas por meio dos estudos e teoria dos autores, a partir da tentativa de definir a literatura. No segundo tópico, estudaremos sobre a Literatura Surda, nos embasando das teorias dos principais autores, compreendendo aspectos da cultura e identidade surda, trilhando a história dos surdos com ênfase na comunicação. Por fim, compreenderemos a relação entre literatura e religião, focalizando as contribuições entre elas.

2.1 Literatura

É necessário nos apropriarmos acerca do conceito de literatura, para tanto, analisaremos os estudos do professor de Literatura Antonio Cardoso Filho (2011) da UFS (Universidade Federal de Sergipe), o qual na produção do seu material didático com tema “A palavra “Literatura” e o seu uso ao longo da história” afirma que o termo “Literatura” desde da sua definição, tal qual conhecemos hoje, passou por diversas transformações semânticas. Segundo Cardoso Filho (2011), o termo apareceu escrito em português pela primeira vez no ano de 1510, denominado “littera” significava “letra” referindo-se a letra do alfabeto, com sentido de um símbolo que escrito em papel, pedra, pergaminho entre outros simbolizava um som. Dessa palavra derivaram termos com sentidos parecidos como “litterarius” (literário) e “litteratus” que originou “Literato”, com as alterações sofridas, encontramos registro no século XIV de “leteradura”, “letradura” e posteriormente ao termo “letrado”. Porém o termo “literatura” permaneceu a palavra erudita derivada do latim “litteratura”. Apesar da escrita ser igual a que conhecemos hoje, o termo era visto nessa época (século XIV) com o sentido de ler e escrever, ou seja o ensino da língua, gramática, os professores que ensinavam Literatura, na verdade ensinavam gramática.

Conforme o Professor Antonio Cardoso, com o desenvolvimento do cristianismo e a sua influência política e social muitos estudiosos faziam parte dos grupos de evangelizadores, que se reuniam para estudos da cultura e da filosofia, nomeando de Escrituras todas as criações religiosas, inspiradas por Deus, e de Literatura a todos os textos pagãos ou não religiosos. Na Europa já se tratava de “Literatura”, “Letras” ou até “Letras humanas” como o sentido de várias formas de conhecimento, sejam eles de poetas, matemáticos, gramáticos e filósofos. No século

XVII já se referiam ao termo como “Belas Letras”. O que conhecemos hoje como literatura, até metade do século XIII era denominado versos, eloquências, poesia.

Com a publicação do livro “História Literária da França” em 1773, o adjetivo “literário” significava o estudo “da origem e do progresso, da decadência e da recuperação da ciência entre os gauleses e os franceses” (AGUIAR E SILVA, 1997, p. 3 – tradução nossa), nessa perspectiva, abre espaço para a definição de “literário” incluindo a ciência e a arte, quando pensamos em arte, já concluímos que houve a inclusão de outras áreas que não fosse a palavra escrita.

Na segunda metade do século XVIII vemos os primeiros usos e definições do conceito “moderno” de “literatura”. Conforme citado por Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1997, p. 6) um possível marco do desenvolvimento da literatura nessa perspectiva “moderna” foi a obra de Denis Diderot (1751) tendo por título *Recherches Philosophiques sur l’Origine et la Nature du Beau* [Investigações Filosóficas sobre a Origem e a Natureza do Belo], nela o autor apresenta o “belo literário”, possibilitando um lugar de destaque a literatura, enxergando-a como uma “atividade criadora que se consubstancia em obras caracterizadas por uma particular categoria do belo. Quer dizer, para Diderot a literatura é uma arte e é também o conjunto das manifestações dessa arte”. Aqui já vemos um significado mais refinado da literatura que conhecemos hoje, como uma possibilidade de criação, como uma arte do belo, ou seja, a arte que valoriza a estética do texto.

Analisando as questões conceituais concluímos que a literatura no seu sentido mais “raso” é o uso estético da escrita, mas ela vai muito além disso, quando pensamos nas suas importantes contribuições pessoais e sociais, assim, veremos posteriormente partindo dos estudos das teorias e estudos de Aristóteles (2008), Terry Eagleton (1977), Antonio Candido (1995) e Jacques Derrida (2014). O que de fato sabemos são as características dos textos literários, no sentido da estrutura. Somos cientes que os textos literários em sua maioria utilizam uma linguagem conotativa, ou seja, uma linguagem figurada, com significados e sentidos ocultos; outra forte característica é a subjetividade, pois os escritos partem de um ponto de vista individual e pessoal partindo das experiências do autor, os textos literários possibilitam um leque de interpretações e compreensões, as mesmas estão ligadas às peculiaridades do leitor; a presença de figuras de linguagem é uma particularidade do texto literário, pois a função poética do texto se preocupa com a questão estética. Além dessas características estruturais dos textos literários, os autores nos permitem construir, através de seus estudos, as faces da literatura e o seu importante papel social.

Segundo Cardoso Filho (2011, p.60) “Aristóteles é o autor da Poética, obra que trata da natureza da poesia, e com isso inaugura os estudos ontológicos da literatura”, o filósofo grego Aristóteles, compreende que a Arte literária é mimese (imitação); é a arte que imita pela palavra. Aristóteles (2008):

Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações. Uma prova disto é o que acontece na realidade: as coisas que observamos ao natural e nos fazem pena agradam-nos quando as vemos representadas em imagens muito perfeitas como, por exemplo, as reproduções dos mais repugnantes animais e de cadáveres. A razão disto é também que aprender não é só agradável para os filósofos mas é-o igualmente para os outros homens, embora estes participem dessa aprendizagem em menor escala (Aristóteles, 2008, p. 42-43)

Segundo o filósofo (2008) a mimese é a imitação ou a representação da realidade, para Aristóteles a imitação é algo inerente ao ser humano, e é isso que nos distingue dos animais, nossa capacidade de refletir e compreender o nosso espaço ao ponto de imitar e recriar a nossa realidade, seja de forma verídica ou ficcionista, além disso essa imitação/representação causa prazer tanto na produção como na recepção. Dessa forma Aristóteles dividiu a Poética (o que posteriormente viria a ser a literatura) em três gêneros: i) O Épico, textos narrativos, que contam histórias; ii) O Lírico, que expressa emoções ou desejos e o iii) Dramático que se caracterizam por serem textos produzidos para serem interpretados por atores.

A literatura e o contexto histórico, como já apontado por Aristóteles, caminham sempre lado a lado, oferecendo mútuas trocas e influências, ou seja, o contexto histórico influencia a literatura, pois os autores literários escrevem sobre os acontecimentos e a realidade da época, e a literatura influencia o contexto histórico no sentido de muitas pessoas verem a sua realidade nas obras literárias, e através das reflexões que o texto propõe torna-se crítico e deseja ser mais atuante na sociedade, o texto também pode promover sentimentos de revolta, insatisfação, espanto e curiosidade dependendo do conteúdo da obra, o que gera algum tipo de impacto no leitor.

Aconteceram vários movimentos literários entre eles podemos citar o Humanismo (século XV e XVI), Classicismo (Século XVI), Quinhentismo (Século XVI) entre outros, esses movimentos foram marcados pela expressão dos sentimentos e emoções das pessoas sobre os momentos que estavam vivenciando, ou seja, o reflexo do bem-estar e dos problemas sociais estavam expressos na arte e na literatura. Para Aristóteles (2008) a realidade era “imitada” nos

escritos e nas telas, e/ou recriadas partindo de personagens e histórias fictícias ou não. As pessoas que eram oprimidas, exploradas e silenciadas podiam “falar”, denunciar e ter voz na sociedade através da literatura, práticas que perpetuam até hoje, nessa perspectiva podemos pensar a literatura como uma liberdade de crítica à sociedade atual, que resulta em uma literatura engajada, fazendo parte de um movimento político-ideológico.

Pensando nisso, podemos ver o poder conscientizador da literatura, analisando o poema “Não há vagas” de Ferreira Gullar (1963) vemos um sentimento de insatisfação e revolta contra as condições atuais das classes menos favorecidas e com seus colegas autores por não tratarem em suas obras dessa realidade, a obra apresenta (1963),

O preço do feijão
não cabe no poema.
O preço do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema
o gás, a luz, o telefone,
a sonegação do leite,
da carne, do açúcar, do pão.

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome,
sua vida fechada
em arquivos.

Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras
— porque o poema, senhores,
está fechado:
"não há vagas"

Só cabe no poema
o homem sem estômago,
a mulher de nuvens,
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira (Gullar, 1963).

Gullar (1963) expressa nesse poema duas grandes indignações, a primeira é apresentada no próprio título, onde ele diz “Não há vagas”, aqui o autor supracitado (1963) está afirmando no sentido conotativo, linguagem muito utilizada nos textos literários, que nos poemas da época não se havia espaços ou “vagas” para denunciar ou mostrar a realidade, e no corpo do poema

ele apresenta essa realidade, nesse caso seria a alta nos preços dos alimentos de cesta básica e dos serviços básicos que utilizamos: água, telefone e também a sonegação de impostos, mais a frente no poema ele denuncia as possíveis cargas horárias abusivas dos funcionários públicos e operários. Nota-se que o objetivo de Gullar é expressar a sua indignação, revolta e denunciar a realidade da época, nessa perspectiva podemos ver duas ou mais funções do texto literário: A de retratar a realidade, ou seja, literatura e realidade andam lado a lado e a de proporcionar para o autor a liberdade de expressar os seus sentimentos e emoções, como também de conscientizar o leitor sobre a realidade que vive e influenciá-lo a ter esse sentimento de revolta, com a esperança de um contexto social melhor.

Voltando às discussões sobre os conceitos dos autores sobre literatura, podemos afirmar que os estudos do filósofo Aristóteles (2008) foram os primeiros a serem pensados do que viria posteriormente a ser literatura. Ao longo dos anos muitos acontecimentos e estudos somaram a essa ideia, e hoje apesar da dificuldade, ainda existente, em definir a literatura, se tem um leque maior de informações e estudos que nos guia nesse caminho, trazendo aspectos importantes. Cada autor trás a sua particularidade, e assim podemos compreender mais sobre esse fenômeno importante e necessário. Para dar continuidade aos nossos estudos vamos analisar o que os autores destacam e em que contribuem quando tratamos de literatura.

Terry Eagleton (1977) em seu livro “O que é literatura?”, inicia suas discussões abordando a dificuldade que os autores tem de definir a literatura, ele explica que é possível a definir como uma escrita imagética, mas ao discorrer o texto Terry mostra contradições nessa definição, apresentando obras que são consideradas e que não são consideradas literatura. O autor (1977) ainda apresenta que a definição do que é ou não literatura está mais ligada à recepção do leitor, e menos a intenção do autor, colocando o leitor como algo relevante na definição da literatura. Em recorte, o autor (1977) explana,

Certamente Gebbon achava que escrevia a verdade histórica, e talvez também fosse esse o sentimento dos autores de Gênesis; tais obras, porém são lidas hoje como fatos por alguns e como fixação por outros. Newnam sem dúvida achava que a suas meditações teológicas eram verdades, mas muitos leitores as consideram hoje literatura (Terry Eagleton, 1997, p. 2).

Podemos considerar pela fala do autor que o leitor é uma peça chave na esfera literária. Amarilha (2006) explica que a leitura “projeta seu conhecimento de mundo e sua capacidade de recombina-lo, mental e imaginativamente” (AMARILHA, 2006, p.75), ou seja, cada indivíduo possui uma forma de recriar as idéias, por isso essa recepção é tão particular. É possível refletir também sobre a formação desse leitor, na perspectiva de suas crenças,

ideologias, identidade e cultura, considerando-os esses pontos decisivos na sua interpretação e concepção do que é fato e do que é ficção. Para um leitor religioso, por exemplo, o livro dos Gêneses é considerado um registro de fatos verídicos e importantes, nos quais fundamentam sua fé e guia o seu estilo de vida, mas para um leitor que não está inserido em um contexto religioso e não professa a mesma fé, esse registro será apenas uma ficção, algo inventado para entreter um grupo de pessoas, o que é de importante e essencial para uns é algo irrelevante para outros.

Na perspectiva de Candido (1995) a literatura tem um papel humanizador e social. O autor tem a preocupação de enfatizar a necessidade universal que nós, seres humanos, temos de ter acesso a literatura, assim como temos a necessidade de comer e beber, tanto para nosso crescimento e desenvolvimento individual quanto social. Candido (1995) destaca,

(...) a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (Candido, 1995 p. 256).

Antonio Candido (1995) compreende que literatura possui um importante papel social e cultural, sendo responsável por proporcionar aos homens que expressem as suas emoções e sentimentos através da criação de textos literários, como também que se desliguem da sua realidade difícil e dura, podendo vivenciar através da ficção, outras realidades, resultantes em paz e alívio. Segundo ele (1995), a literatura nos liberta do caos e nos humaniza, por isso ela se faz tão necessária na vida dos seres humanos. O autor (1995) ainda compara essa necessidade como de nos alimentarmos e bebermos água, para isso precisamos garantir que essa necessidade universal seja suprida em todas as esferas sociais. Nesse viés, quando pensamos em literatura e nas suas inúmeras e importantes contribuições podemos refletir também sobre o prejuízo que sua ausência pode causar, o qual o autor compara com “mutilar” a humanidade.

Em seu escrito “O direito à literatura” Antonio Candido (1995) continua a tratar dessa necessidade, em que apresenta,

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, Chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fábula (Candido, 1995, p. 176).

Na primeira parte da citação, Candido (1995) nos trás uma reflexão interessante, que considera ou chama de literatura desde lendas folclóricas até obras complexas, de todas os “níveis” sociais, de todas as culturas, ou seja, para ele a literatura é uma arte que valoriza desde os pequenos e simples textos até as grandes e complexas obras, do escritor mais pobre ao mais rico, e não há uma única cultura quando tratamos de literatura, mas há “todos os tipos de cultura” (p. 176). O autor mencionado (1995) retoma que vista de modo a contemplar todas as realidades e todos os autores, não resta dúvida da necessidade universal que todos os seres humanos de todos os tempos, não conseguem viver sem a necessidade de fábulas. O sonho, por exemplo, é uma espécie de fabulação, a criatividade, a imaginação tudo isso são essenciais para nós enquanto seres humanos.

Em entrevista concedida intitulada “Essa estranha instituição chamada Literatura” de Jacques Derrida (2014), trás algumas considerações sobre literatura, e faz uma fala importante respeito da “definição” dessa arte:

Mesmo se um fenômeno nomeado “literatura” apareceu historicamente na Europa, nessa ou naquela data, isso não significa que seja possível identificar o objeto literário de forma rigorosa. Não quer dizer que haja uma essência da literatura. Quer dizer até o contrário (Jacques, 2014, p. 58).

Através dessa citação, podemos perceber que delimitar a literatura e dizer o que ela exatamente é, se torna uma missão talvez impossível. Através dos nossos conhecimentos nós construímos e reconstruímos a literatura, diariamente, pois encontramos muitas perspectivas e reflexões. O que de fato podemos pensar é que a “arte pela arte”, ou seja não se pode definir, e não se pode limitar, dizer que a literatura tem a função de emocionar a torna muito vazia, essas “funções” estão além do emocional, ela pode causar muitas coisas dependendo do indivíduo que está lendo, como também ela pode não causar nada.

Tendo ciência do importante papel da literatura na vida dos seres humanos, na seção seguinte iremos discutir sobre os fundamentos e características da Literatura Surda, de que forma essa literatura tem chegado a comunidade surda, quais desafios e possibilidades.

2.2 Literatura Surda

Com base nos estudos dos pesquisadores buscamos trazer uma retrospectiva da história dos surdos com foco nas questões de comunicação, como também entender o que é Literatura Surda, suas características e contribuições.

Conforme apresenta os estudos de Mourão (2011), a noção de Literatura Surda como a conhecemos hoje, surgiu em alguns países da Europa, de forma predominante em países onde se tinha escola de surdos. Mourão (2011) explica que:

Na Universidade de Gallaudet (Gallaudet University), em Washington D.C., com o passar dos anos, os sujeitos surdos, acadêmicos e pesquisadores começaram a dar sentido à Literatura Surda, espalhando-a para seus próximos, na comunidade surda, como nos encontros de surdos, escolas de surdos, associação de surdos etc. Alguns alunos surdos estrangeiros formados na Universidade Gallaudet voltaram para seus países, divulgando conceitos para a comunidade surda local. Os acadêmicos e pesquisadores começaram a divulgar materiais empíricos, fazendo distribuição de livros, vídeos, etc. de fontes da Literatura Surda (Mourão, 2009 p. 2).

Mourão (2011) apresenta um acontecimento importante, a difusão, mesmo que ainda não estruturada da literatura surda. O autor ainda explica que os estudos sobre a Literatura Surda são muito recentes, e afirma que assim como não é possível determinar um significado exato para a Literatura geral, também não é possível determinar uma definição única para a Literatura Surda.

A literatura Surda, assim como a literatura ouvinte, tem o papel humanizador, crítico, reflexivo, que possibilita a quem lê sentir inúmeras emoções e experiências, porém utilizam-se estratégias diferentes na sua forma de criação e produção, para atender a necessidade do seu público principal, os sujeitos surdos. Como aponta Ambramovich (1997) o seu objetivo é proporcionar a descoberta de diferentes lugares, tempos, modos de agir e de ser, além de proporcionar ao surdo o conhecimento de mundo, o desenvolvimento da criticidade e vivenciar outras realidades a partir do contato com essas produções, a literatura surda valoriza e divulga o sujeito surdo e a sua identidade, trazendo valorização para a comunidade.

Ao estudarmos a trajetória e o desenvolvimento da cultura e identidade surda (Moura 2000; Levy 2019; Carvalho 2007), encontramos ao longo da história várias barreiras que dificultaram a produção, registro e divulgação da literatura surda. Gesser (2009) em seu livro intitulado “Libras? que língua é essa?”, explica que a Língua de Sinais por se tratar de uma língua gesto-visual, de início não se havia um sistema gráfico e até o século XX, não se tinha recursos tecnológicos que possibilitasse os registros como também a divulgação da Língua e das produções literárias dos surdos, Karnopp (2008) explica:

A literatura surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da

tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. O registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais (Karnopp, 2008, p. 2).

Karnopp (2008) apresenta que hoje a literatura surda é privilegiada, pelos avanços tecnológicos, mas no passado não se tinham esses recursos, por isso muitas histórias de surdos se perderam, esse grande dilema inviabilizou a estruturalização da literatura surda.

Karnopp (2008) apresenta mais dilemas, como: a dificuldade de tradução ou o desconhecimento da língua de sinais, das vivências, do conhecimento das suas lutas, da língua, dos costumes, da experiência visual e das situações bilíngues. Para que se tenha registros e divulgações verídicas das obras literárias dos surdos é necessário que se haja conhecimento sobre a comunidade, identidade e cultura surda.

Além disso, outro grande marco foi o período do oralismo, implantado após o congresso de Milão em 1880, Sobre esse acontecimento Strobel (2008, p.33) ressalta que “Nenhuma outra ocorrência na história da educação de surdos teve um grande impacto nas vidas e na educação dos povos surdos. Houve a tentativa de fazer da língua de sinais em extinção”, o referido congresso foi na verdade a primeira conferência internacional de educadores de surdos, a maioria desses educadores eram ouvintes, o congresso aconteceu entre 06 e 11 de setembro, onde os surdos foram obrigados a oralizar e rigorosamente proibidos de utilizar a língua de sinais para se comunicar, com isso, os surdos cessaram a sua comunicação e as manifestações culturais na escola, o lugar onde mais frequentavam.

Como resultado de tantos obstáculos, os primeiros escritos que apresentam o cotidiano e vivências dos surdos, foram realizados por autores ouvintes, dessa forma o surdo é apresentado na perspectiva de deficiente auditivo, não como um ser social e cultural presente e atuante na sociedade. No texto “Contando histórias sobre surdo(as)”, Silveira (2000) realizou análises de sete livros infantis que tematizam a surdez e observou que,

Não se pode deixar de registrar, entretanto, que todos os livros analisados foram escritos por ouvintes, que narram a surdez a partir de seus filtros sociais, de suas experiências de certa forma alheias ao cerne da vivência culturalmente imersa na surdez (Silveira, 2000, p. 202).

A autora Silveira (2000) concluiu que os surdos estão representados nas histórias narradas pelos ouvintes como sujeitos totalmente integrados na sociedade ouvinte, sendo usuários de uma língua oral. O surdo era apresentado à sociedade como deficiente que necessita

da intervenção da medicina, ou seja, através do uso do aparelho auditivo e da leitura labial a surdez era “compensada”, e assim o surdo era incluído na sociedade. Não se tinha uma perspectiva de um ser cultural, atuante e social, a surdez era vista como uma ausência que necessitava ser suprida para que o surdo pudesse ter um desenvolvimento social e uma vida feliz.

Apesar das barreiras, viver em sociedade e produzir literatura sempre foi algo possível para os surdos, independentemente de haver registros ou não. Segundo Alves e Karnopp (2002) os surdos se reuniram constantemente para contar piadas, histórias de personagens surdos e ouvintes e principalmente falar das suas vivências. Portanto, podemos perceber o desenvolvimento da língua através da união da comunidade surda, quando em seus pontos de encontros estão pautados as histórias de vida, produção de cultura e identidade.

Com o avanço dos estudos na área da educação e da linguística e os movimentos dos surdos em busca dos seus direitos, houve um desenvolvimento significativo nas questões comunicativas. O grande marco foi a lei nº 10.036 de 24 de abril de 2002, que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais como a língua oficial dos surdos. A aprovação dessa lei é importante em todos os aspectos, pois os surdos poderiam oficialmente aprender e utilizar a Libras na sua comunicação, profissão e todos os meios sociais e culturais em território brasileiro.

Tendo introduzido sobre a história dos surdos e apresentado a ligação entre cultura, identidade e literatura, abordaremos os conceitos de Karnopp (2010), ela define em seus estudos, o que é literatura surda:

A expressão ‘literatura surda’ é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (Karnopp, 2010, p. 161).

Como visto anteriormente, a literatura surda está ligada a cultura e identidade surda, confirmamos isso nas palavras de Karnopp (2010). Logo compreendemos qual o objetivo principal da literatura surda, o qual é promover a cultura surda, valorizar o ser surdo e a sua identidade. A exemplo, na obra “Cinderela Surda” um clássico da literatura infantil que foi adaptado para a literatura surda por Carolina Hassel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2003) podemos perceber a valorização da cultura, com o destaque a luva, que representa as mãos, e ao personagem L’ Epée, pessoa importante na educação dos surdos. Através da análise de Lebedeff (2005), a autora explica,

[...] no texto da “Cinderela surda” o príncipe estuda no Instituto de Educação de Surdos de Paris, com o Abade de L’ Epée (...) que foi a primeira instituição escolar para surdos, bem como um defensor do ensino através da língua de sinais, inaugurando um método denominado “gestualismo” ou “método francês” (Sánchez, 1990). Outra adaptação bem interessante realizada na Cinderela Surda é o fato de que a protagonista deixa cair sua luva no baile, não o sapato (Fig. 2). Com certeza, as mãos são muito mais importantes e o cair da luva emprega muito mais dramaticidade para os surdos do que perder um sapato” (p. 179).

Por meio dessa análise (2005), compreendemos na referida obra vários aspectos da cultura surda advindos da adaptação, como por exemplo, o príncipe ter estudado no INES, em que esse Instituto é um importante marco no desenvolvimento da educação de surdos, pois foi a primeira escola bilíngue para surdos no Brasil. Outro ponto importante é a luva que substitui o sapato de cristal no conto original, as luvas representam as mãos que são essenciais no processo de comunicação dos surdos, foi ao longo da história e ainda é um símbolo de luta por liberdade e direitos da comunidade surda, por isso a luva ganha um destaque significativo na narrativa.

Mais um ponto que emprega as vivências das pessoas surdas na narrativa e que Karnopp (2006) aponta é o fato de Cinderela ter aprendido Língua de Sinais Francesa nas ruas de Paris, reproduzindo na história a infância de muitas crianças surdas, que por terem pais ouvintes, ou pela falta que garantia dos direitos, aprendem a língua de Sinais na rua, ou em locais informais. Uma importante figura para a comunidade surda ganha vida na narrativa como professor particular de Cinderela, o francês Charles Michel de l’Épée, ele acreditou que os surdos eram capazes de possuir uma linguagem própria, e aprender através dessa linguagem, por isso fundou uma escola de surdos onde ensinava a língua de sinais francesa e religião, se tornando um personagem importante no ensino de surdos.

Strobel (2009) confirma o nosso pensamento, que para ela a literatura surda é capaz de valorizar a comunidade surda, registrar as vivências desses indivíduos, como também as suas dificuldades e habilidades. Através da literatura surda podemos conhecer mais do povo surdo, da sua cultura, identidade e também compreender as suas particularidades. Strobel (2009) explica que a literatura surda:

[...] traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais (Strobel, 2009, p. 61).

Partindo da fala da autora (2009), vemos que há concordância com a fala de Karnopp (2009), na perspectiva da literatura como manifestação e valorização da cultura e identidade

surda. Em sua fala Strobel (2009) cita os gêneros que a literatura surda dispõe, sendo eles: Poesia; A história dos surdos; Piadas; Literatura Infantil; Clássicos, Fábulas, Contos, Romances, Lendas e etc. Cada um com as suas características e estruturas, mas todos com foco nas vivências e experiências da comunidade surda.

São muitas as possibilidades de obras para os surdos e ouvintes criarem e apreciarem, como também as formas de registros dessas obras, podendo ser em escrita de sinais (SignWriting²), vídeos na forma sinalizada e português escrito, nesse último podendo perder alguns aspectos que só a sinalização (visual) pode proporcionar ao receptor. A forma de registro e divulgação dessas obras são importantes, para que o objetivo principal da seja alcançado, as obras da literatura surda, principalmente a poesia através da sua linguagem visual, trazem mensagens marcantes e necessárias. De acordo com Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 116):

Uma das contribuições principais da poesia sinalizada para o empoderamento do povo surdo é a maneira com que os poemas retratam a experiência das pessoas surdas. (...) Diante de (...) ameaça à identidade pessoal e cultural dos surdos, os poemas que descrevem e validam a experiência surda são fortemente usados para o empoderamento do povo surdo (Sutton-Spence; Quadros, 2006, p. 116).

A poesia é desenvolvida por elementos visuais que dão um forte sentido a mensagem que está sendo transmitida, a intensidade, variação na velocidade de sinalização, uso dos classificadores, expressões faciais e corporais proporcionam sentimento e emoção as situações expressas na poesia, essas situações podem estar ligadas a problemas sociais, preconceito de modo geral, desigualdade social, violência, e entre outros. A poesia seria então uma forma de protesto, conscientização ou até mesmo denúncia.

A literatura surda é sustentada por três eixos: i) Adaptação; ii) Tradução e iii) Criação (Mourão 2012). Essa organização/ separação é realizada a partir do conteúdo de cada produção, as quais possuem objetivos diferentes. Encontramos os três tipos de obras, em diferentes gêneros literários, sendo produzidas tanto por pessoas surdas como por pessoas ouvintes, para todos os públicos. Abordaremos brevemente sobre cada um desses eixos, apontando algumas obras e autores.

Segundo Mourão (2012) , a adaptação, como o próprio nome propõe, é uma adaptação das obras já existentes. Algumas pessoas tendem a confundir com a tradução, porém temos objetivos e modo de produção diferentes entre elas. A adaptação acontece quando se tem uma obra em outra língua e cultura, e são realizadas pequenas alterações no conteúdo dessa obra,

² Sistema em que registra a escrita das línguas de sinais.

com o objetivo de trazer e enaltecer traços e características da cultura e identidade surda, podendo ser registrado no português na modalidade escrita, vídeo ou no sistema de escrita de sinais.

A exemplo de obras adaptadas podemos citar as mais conhecidas entre elas, Cinderela Surda (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003), Rapunzel Surda (Silveira; Rosa; Karnopp, 2003), Patinho Surdo (Rosa; Karnopp, 2005) e Adão e Eva surdos (Rosa; Karnopp, 2005). Nessas obras foram analisadas estratégias onde se pudesse abordar fatos típicos do cotidiano dos surdos, da sua cultura e identidade, fazendo assim as adaptações necessárias da história original para a literatura surda.

Na fábula infantil Patinho Surdo, por exemplo, temos a presença de elementos importantes da cultura e identidade surda. Os personagens principais da história, o pato, seus pais e irmãos são surdos e vivem em comunidade com os demais animais da lagoa, que retrata a vida real onde convivem pessoas surdas e ouvintes nos mesmos ambientes, com as suas particularidades e necessidades; Outro ponto é o uso da língua de sinais e a sua importância para a comunidade surda; O preconceito e a falta de inclusão que muito ocorre com as pessoas surdas também é representado na adaptação; A questão da CODA (termo utilizado na comunidade surda para filhos ouvintes de pais surdos) também é retratado na fábula, acontecimento recorrente na vida dos surdos, pois muitos têm pais ouvintes, o tradutor intérprete de Libras também tem a sua representação na história, mostrando a sua importância como ponte na comunicação e no diálogo entre surdos e ouvintes.

As obras traduzidas, que são o foco deste trabalho, são um grande desafio, tendo em vista que as línguas possuem suas particularidades, como a estrutura, a gramática, as variações linguísticas e um ponto importante é a influência da cultura na língua, o tradutor precisa compreender essas características, que são particulares de cada língua. O domínio das técnicas de tradução são relevantes, pois quando utilizadas proporcionam uma compreensão clara e objetiva por parte do receptor. Sobre isso Miranda (2021) explica que:

Ao traduzir um texto, o profissional — que precisa conhecer no mínimo duas línguas faz escolhas linguísticas e extralinguísticas: lexicais, estruturais, semânticas, pragmáticas, culturais etc. com o objetivo de reformular na língua-alvo as informações a que ele está tendo acesso na língua-fonte. Esse profissional não só se preocupa em produzir um texto na língua-alvo que se assemelhe interpretativamente ao texto na língua-fonte, seguindo as regras gramaticais da língua-alvo e considerando o contexto comunicativo, mas orienta-se por uma série de fatores sociais, políticos e culturais implicados no texto e no público-alvo (Miranda et al, 2021 p. 308-309).

Para Miranda (2021) o tradutor precisa compreender as duas línguas, sendo a língua-fonte (língua original do texto) e a língua-alvo (língua para a qual o texto será traduzido). Como citado anteriormente, o processo de tradução depende dos recursos linguísticos e extralinguísticos que o tradutor irá utilizar, é preciso encontrar formas de adaptar e expressar as ideias e emoções apropriando-se da gramática e da estrutura da Libras, dessa forma facilitará a compreensão das informações apresentadas com clareza.

Sobre a apropriação dos recursos linguísticos Quadros e Karnopp (2004) em seu livro intitulado “Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos”, apresentam e analisam os aspectos linguísticos da Libras, bem como seus aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos. As mesmas ressaltam a sua importância e necessidade dentro do contexto da comunicação.

Miranda et al (2021) ressalta a importância do sinalizador/tradutor estar familiarizado com o texto, sendo conhecedor da cultura, do perfil dos personagens e qual o significado daquele texto. Algumas ideias ou termos presentes na língua-fonte podem não ser equivalentes diretamente na língua-alvo, isso ocorre devido às particularidades de cada língua, podemos encontrar nos textos aspectos da cultura de um determinado povo ou tempo, expressões idiomáticas, figuras de linguagens que são próprios da língua-fonte, neste momento faz-se necessário o uso de estratégias de traduções para que a informação seja adaptada e o objetivo do texto seja alcançado. Nas palavras de Quadros (2003),

Traduzir um texto em uma língua falada para uma língua sinalizada ou vice-versa é traduzir um texto vivo, uma língua viva. Acima de tudo deve haver um conhecimento coloquial da língua para dar ao texto fluidez e naturalidade ou solenidade e sobriedade se ele for desse jeito (Quadros, 2003, p.73)

Do ponto de vista de Quadros (2003), é necessário se ter cuidado ao traduzir uma língua falada para uma língua sinalizada ou vice-versa, pois estamos tratando de línguas vivas, devemos apresentá-la de forma fluída e natural, para que a tradução não se torne mecanizada e cansativa, isso fará total diferença quanto a compreensão do receptor da mensagem/sinalização.

As obras traduzidas não possuem nenhuma alteração no corpo do texto, as histórias continuam na sua forma original com o objetivo do autor da obra. Temos como exemplos de obras traduzidas os clássicos da literatura brasileira, que foram traduzidos pela editora Arara Azul, uma importante editora de conteúdos acessíveis em Libras, entre essas traduções estão: Alice no país das maravilhas (2002); Iracema (2002) e O Alienista (2004). Essas traduções estão disponíveis para a compra no site da editora Arara Azul, através de gravações, anteriormente em CD-ROM, e agora possibilita o download da gravação para computador. Essas traduções tem como objetivo contribuir com o conhecimento e a divulgação da literatura

de diferentes tempos e espaços, tendo em vista essas obras serem traduzidas para a língua oficial da comunidade surda, a Libras.

Já sobre as criações, Mourão (2012) apresenta suas características particulares, explicando que são obras produzidas e pensadas na estrutura da língua de sinais, a partir de acontecimentos e ideias que circulam na comunidade surda, com o principal papel de apresentar a cultura e identidade da pessoa surda. Nessas obras encontramos a forte presença do ser surdo, como protagonista, da língua de sinais e de elementos e acontecimentos que marcaram a sua trajetória de vida. Nessas obras podemos encontrar poesias, piadas, contos, histórias vividas, fábulas, entre outros. Na criação não há preocupação em adaptar a história, para que a obra possua traços que enaltecem o ser surdo, isso já é pensado desde a sua produção.

Como exemplo de criações temos as seguintes obras: Tibi e Joca (Bisol, 2001), o Feijãozinho Surdo (Kuchenbecker, 2009), Casal Feliz (Couto, 2010), Às estrelas de Natal (Klein; Strobel, 2015) entre outras. Nessas obras os personagens surdos alcançam seus sonhos, sua liberdade, cidadania e seus direitos. É importante ressaltar, que apesar de ser denominado literatura surda, essas obras também interessam aos ouvintes, pois os surdos e ouvintes convivem nos mesmos espaços diariamente, diferentemente dos indígenas, por exemplo, que vivem em tribos todos com a mesma cultura e características tendo contato quase que a totalidade com pessoas que tem seus mesmos costumes e crenças, não há um país ou uma cidade só de pessoas surdas, elas se reúnem como comunidade, em associações, grupos de amigos e família, mas dividem experiências cotidianas e criam laços afetivos com ouvintes, então mesmo que indiretamente, os ouvintes estão representados nas narrativas surdas, porém na perspectiva do surdo.

Na seção seguinte iremos compreender a relação entre literatura e religião, de que formas elas contribuem entre si e os pontos de encontro entre ambas.

2.3 Literatura e Religião

Dentro da temática “Literatura e Religião” podemos fazer alguns questionamentos: É possível que a religião contribua com a literatura? De que maneira elas se relacionam? Para fundamentar essa discussão nos apropriamos de estudos e pesquisas na área da literatura e religião.

Tratando sobre Literatura e Religião, Antônio Magalhães (2000) escreve um importante livro “Deus como espelho das palavras”, nele afirma que o Cristianismo é a “religião do livro”, tendo em vista que a Bíblia é um dos pilares mais importantes da fé cristã. É interessante pensar

que não apenas o cristianismo, mas diversas religiões possuem livros extremamente importantes, como por exemplo islamismo que possui o Alcorão; o judaísmo que tem o Torá; Os Budistas possuem o Tripitaka, entre outros livros e religiões. Esses livros contém instruções essenciais e as bases éticas e morais da religião nas quais os indivíduos de cada grupo constroem e alimentam suas crenças.

Segundo Lee Martin (2013) a Bíblia Sagrada Evangélica, livro do Cristianismo, foi escrita em três idiomas: Aramaico, hebraico e grego, sendo posteriormente traduzida para a maioria das línguas existentes hoje. Ela está dividida em Antigo Testamento e Novo Testamento. Essa divisão se dá a partir do grande marco em razão da fé dos cristãos, o nascimento de Jesus, o Antigo/Velho Testamento antes do nascimento de Cristo, e o Novo Testamento a partir do momento em que o nascimento de Jesus é anunciado. Dentro dessa grande divisão, há divisões menores, denominada de livros, ao todo são 66 livros, esses livros são organizados por capítulos e dentro dos capítulos os versículos. Através da leitura da Bíblia Sagrada, os cristãos encontram forças para resistir às tentações e as dificuldades encontradas, fortalecem a fé e a esperança em Cristo, essa leitura também direciona o modo de viver dos cristãos, é como um “manual de conduta”, que os ensina a agradar a Deus e viver a sua vontade, para por fim alcançar a Salvação que há em Cristo Jesus. Tudo que fundamenta, alimenta e constrói a crença dos cristãos está anexo à obra de Magalhães (2000) em que denomina o Cristianismo como a “religião do livro”.

Partindo da grandeza da Bíblia no sentido de tamanho, do tempo em que foi escrita (há mais de 2.500 anos) e da sua importância (Lee Martin, 2013) nota-se que estão registradas diversas histórias; essas histórias transpassaram diversas culturas. Esses dois pontos são primordiais para torná-la objeto de estudo capaz de possibilitar muitas interpretações e releituras, que partem da criticidade de cada indivíduo que ler, prova disso é que as suas narrativas logo foram traduzidas e a partir delas foram produzidos livros, contos, poesias, devocionais entre outros, como por exemplo: Cristianismo Puro e Simples de C. S. Lewis (2017); O Peregrino de John Bunyan (2019) e Um homem chamado Jesus de Frei Betto (2009). Essas produções recebem o nome de Literatura Cristã.

Souza e Castro (2023, p. 216) corroboram com a literatura cristã dizendo que: “existem obras literárias cuja proposta central é metaforizar ou mesmo fazer uma abordagem apologética sobre as temáticas do cristianismo, com a “intenção religiosa” a partir de obras de ficção”. Os autores (2023) referem-se ao termo “intenção religiosa” para tratar de livros produzidos com o objetivo de abordar temas e ensinamentos do cristianismo presentes na Bíblia Sagrada, os

autores dessas obras cumprem esse objetivo partindo de histórias fictícias ou experiências de vida.

Souza e Castro (2023) ainda expõe que pensam a literatura como um convite aos leitores a pensar as suas realidades e provocar neles a reflexão sobre o cotidiano dos problemas de sociedades predominantemente cristãs, trazendo reflexões de como as práticas religiosas têm contribuído na sociedade contemporânea.

A Literatura Cristã é um viés da literatura que engloba obras literárias de teor religioso, com o objetivo de transmitir valores cristãos, ensinamentos e sermões baseados na Bíblia Sagrada, nas interpretações e experiências de vida dos autores. Entre os gêneros dessa literatura estão: A ficção Cristã, inclui romances e contos que tratam da vida do cristão de forma narrativa; A poesia, expressa em versos os sentimentos e emoções proporcionando reflexões espirituais; A leitura devocional que trás porções diárias da palavra de Deus com aplicações no dia-a-dia e os ensaios e livros acadêmicos que por sua vez traz a teologia, a história da igreja e ética cristã. As obras da literatura cristã tem como temas centrais: amor, perdão, obediência, redenção e a relação do ser humano com Deus.

Pesquisa publicada no ano de 2020, pela página “O Globo”, apresenta que de 2006 a 2019, no Brasil, apenas os livros religiosos tiveram crescimento na porcentagem de vendas, por meio desse dado podemos entender que de fato há uma relevância no conteúdo da literatura cristã, que possibilita algo positivo na vida das pessoas. Em seu artigo “Representação do gênero na literatura evangélica” a pesquisadora Souza (2017), apresenta que o público que mais consome esse tipo de material são as mulheres cristãs. Talvez por se colocarem no papel de ajudadora, conselheira e peça chave na edificação e cuidado do lar, seja cristã ou não, as mulheres busquem por adquirir estratégias e conhecimento para desenvolver com maestria as atribuições que lhe foram confiadas por Deus, tomando por base aquilo que sua crença instrui.

De acordo com Melo e Karnal (2017), os autores salientam que não alimenta ou baseia a sua fé apenas na Bíblia Sagrada ou em textos religiosos, tais como livros, poesias e devocionais. Este livro é um debate entre Melo e o historiador Leandro Karnal, na oportunidade Fábio de Melo lança um desafio curioso aos leitores, de buscarem conhecer os aspectos da religião em outros meios, que não seja o dos escritos religiosos, ele indica os textos literários, e cita,

A própria literatura, por exemplo. Às vezes eu percebo que muito do meu discurso cristão deriva das obras que tive a oportunidade de ler – e que não foram escritas com intenções religiosas. Chego à conclusão de que existe nessas histórias uma verdade humana que me coloca diante daquilo que é mais sagrado (Melo; Karnal, 2017, p. 75).

Melo (2017) admite que muitas de suas falas advém não de textos religiosos, mas de textos literários. No livro o autor narra uma experiência de fé que não foi adquirida dentro da esfera religiosa, como livros, músicas ou filmes cristão, mas através de criações de temas universais, que o foco central não era a religião. A exposição do autor supracitado (2017) trás algumas reflexões, dentre elas a de pensar alguns aspectos que relacionam a religião e a literatura, a qual poderíamos pensar inicialmente na religião como assunto da literatura. Vemos por exemplo que, os autores da literatura se apropriam de passagens bíblicas para discorrer suas obras. Rubens Alves (2007) destaca:

No Princípio, antes que qualquer coisa existisse, antes que houvesse o Universo, o que havia era a Poesia. Deus era a Poesia. A Poesia era Deus. Deus e a Poesia eram a mesma coisa. E Deus criou as estrelas para, com elas, escrever seus poemas nos céus (Alves, 2007, p. 23).

Agora, contrastamos a primeira parte da fala de Alves (2007) com um trecho bíblico que está inserido no livro de João capítulo 1 e versículo 1 “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.”, podemos notar a semelhança nas palavras e na estrutura da fala de Rubens Alves (2007) e discípulo João, e observar que as escrituras sagradas se torna assunto na literatura.

Ademais, Machado de Assis (1858) também traz traços da Bíblia Sagrada em suas obras, no poema “A morte no Calvário” (1858), que foi dedicada ao “meu amigo, o padre Silveira Sarmiento”, figura importante na sua formação quando jovem, em que vemos o autor narra sobre a morte de Cristo: “Ei-lo, vai sobre o alto Calvário; Morrer piedoso e calmo em uma cruz!; Povos! naquele fúnebre sudário; Envolto vai um sol de eterna luz!” (p. 722-723). Nesse poema o autor (1858) vai discorrer sobre a crucificação de Jesus na cruz no calvário, reconhecendo Cristo como luz do mundo que veio para possibilitar a salvação a todos que crerem no seu ato redimidor, é interessante ressaltar que o autor mencionado anteriormente (1858) caminha do velho ao novo testamento, demonstrando conhecimento das escrituras. Portanto, nos textos literários, é possível identificar semelhanças nos adjetivos que Machado (1858) atribui a Jesus com os que a bíblia apresenta, Isaías no capítulo 53 e versículo 10 diz:

Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado ao matadouro, e como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, não abriu a sua boca”, o profeta Isaías apresenta, assim como Machado, que Jesus foi crucificado, mas ele se manteve calmo e em silêncio na sua caminhada até o calvário, mesmo com a cruz pesada e os açoites, ele não abriu a sua boca, com a determinação de cumprir a sua grandiosa missão, apontada por Isaías e por Machado de Assis, a redenção da humanidade (Bíblia Sagrada, 1995, p. 1055).

A literatura e a religião nos possibilitam mais uma reflexão, nesta podemos pensar se há pontos em comum entre elas. Ao estudarmos a Bíblia Sagrada, como citada anteriormente, entendemos que ela é o registro de tudo em que se baseia e rege a fé cristã, é através dela que podemos fundamentar, defender e conhecer a religião que optamos por seguir e crer. As sagradas escrituras nos oportunizam conhecer a Deus, a Jesus e ao Santo Espírito, que são o motivo da nossa existência e sobrevivência. Através da leitura das escrituras sagradas conseguimos consolo, força e esperança, podemos observar que no passado os personagens bíblicos conseguiram com a ajuda de Cristo, vencer as crises e os momentos de dores. Sobre isso João Leonel (2016) enfatiza:

A leitura dos textos canônicos deverá ser sensível ao humano e às suas manifestações, seja nas narrativas, nos textos poéticos ou nos textos discursivos. Tal perspectiva haverá de ser o elo, a liga que permitirá uma contribuição frutífera da literatura aos textos sagrados (Ferreira, 2016, p.56).

Leonel (2016) quando se refere a ser sensível ao humano, ele está expressando um importante ponto de encontro entre literatura e “os textos sagrados”, o ser humano, tanto os textos bíblicos como os literários tem como foco as experiências e vivências humanas, buscando que o leitor se encontre no texto, sinta emoção e esperança.

Na próxima seção iremos apresentar a metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa, apontando a metodologia de pesquisa, abordagens e objetivo.

3. METODOLOGIA

Nesta sessão iremos apresentar o tipo de pesquisa, a sua abordagem e os objetivos, utilizando os conhecimentos teóricos para embasar as discussões. Nossa pesquisa é de cunho qualitativo, sobre esse tipo de pesquisa Brandão (2001, p. 13) explica:

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Brandão, 2001, p. 13).

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa parte de uma perspectiva que os conceitos levados são advindos das práticas sociais, consequentemente das vivências do pesquisador. Dito isso, a nossa pesquisa parte de uma realidade, a ausência de material didático adaptado/traduzido para as aulas da EBDIs, necessidade diagnosticada e observada pelos pesquisadores. Ademais, no que diz respeito a natureza dessa pesquisa, pautamos na abordagem de tipo descritiva, em que Gil (2002) diz:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (Gil, 2002, p. 42).

Segundo o autor (2002) a abordagem descritiva tem como objetivo descrever o objeto de estudo com o maior número possível de informações, apresentando suas características e conceitos para posteriormente analisar as suas variáveis.

Ainda sobre esse tipo de abordagem, Trivinõs (2011, p. 110), discutindo sobre os estudos descritivos afirma:

A maioria dos estudos que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva. O foco essencial desses estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, os problemas do analfabetismo, a desnutrição, as reformas curriculares, os métodos de ensino, o mercado ocupacional, os problemas do adolescente etc (Trivinõs, 2011, p. 112).

Trivinõs (2011) faz uma reflexão interessante sobre os estudos no campo da educação, afirmando que a maioria dos pesquisadores buscam conhecer as necessidades, dificuldades, culturas, práticas de aprendizagem e para o cumprimento desses objetivos a pesquisa descritiva

é uma grande ferramenta. O autor (2011) explica que é de suma importância que o pesquisador se aproprie do maior número de informações sobre o objeto de estudo, e ressalta que esse tipo de abordagem não pode ter interferência do pesquisador, estando encobido apenas de conhecer as características do objeto de estudo e definir os métodos, técnicas, modelos que irão orientar a coleta e como as informações serão interpretadas.

Ademais, Merriam (1988) explica a captação de dados descritivos em uma perspectiva da investigação crítica ou interpretativa, e analisa as vivências dos seres humanos em vários ambientes, analisando a complexidade de um determinado acontecimento, com a finalidade de entender e trazer os fatos.

Esse estudo também possui uma abordagem exploratória, sobre o essa abordagem Leão (2017) corrobora:

A pesquisa exploratória visa proporcionar maiores informações sobre um assunto investigado, familiarizar-se com o fenômeno ou conseguir nova compreensão desse, a fim de poder formular um problema mais preciso de pesquisa ou criar novas hipóteses. Pode ser também o passo inicial em um processo de pesquisa. Os estudos exploratórios conduzem apenas a hipóteses, não verificam, nem demonstram (Leão, 2017, p. 168).

Para Leão (2017) esse tipo de abordagem busca entender mais sobre o assunto em questão, para formular os questionamentos e identificar a problemática para então preencher as lacunas existentes no fenômeno a ser pesquisado. Um ponto a destacar é que esse tipo de pesquisa se preocupa apenas em formular hipóteses, não em verificá-las ou comprová-las.

Esse estudo também é definido como exploratório, para Oliveira e Barbosa (2006, p.05) “As pesquisas exploratórias focam na maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”, portanto, buscamos através da problemática exposta que é o ensino da bíblia para os alunos surdos da EBDI da Assembleia de Deus em Caraúbas/RN, utilizar o recurso de tradução de histórias da bíblia infantil adaptadas para crianças surdas, com a finalidade de proporcionar um ensino concreto, como de igual modo a valorização da identidade e cultura surda.

3.1 Corpus da Pesquisa

O material “Bíblia para crianças - Jesus e as histórias da bíblia” é um recurso digital voltado para o público infantil, com uma linguagem de fácil compreensão, contendo ilustrações que o torna mais interativo, despertando o interesse das crianças. Neste recurso encontramos as 53 histórias bíblicas mais conhecidas que ensinam às crianças os valores e a doutrina cristã.

Imagem 01: Capa do material - Jesus e as histórias da bíblia.



Fonte: Martins (2023).

O corpus desta pesquisa consiste em três histórias: O nascimento de Jesus, A Santa Ceia e Jesus é crucificado, selecionadas do material digital “Bíblia para crianças - Jesus e as histórias da Bíblia” e traduzidas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), para a faixa etária de 06 a 11 anos, abrangendo diferentes contextos, gêneros textuais e estratégias tradutórias. A seleção busca garantir uma diversidade de material que permita uma análise aprofundada sobre os aspectos linguísticos, discursivos e pragmáticos das traduções.

Bem como, adaptações à língua de sinais brasileira, em que as traduções foram gravadas no laboratório audiovisual da Universidade Federal Rural do SemiÁrido - UFERSA, campus Caraúbas/RN. Editadas pelo aplicativo Capcut e disponibilizadas em plataforma digital no YouTube, dispositivo online-digital que possibilita criar, assistir e compartilhar vídeos.

3.2 Tradução da obra

O material que será traduzido e analisado é digital, está inserido no arquivo intitulado “Jesus e as histórias da Bíblia”, publicado pela empresa “Encaderna com Amor” representado por Danny Martins (2023). O material consiste em várias histórias bíblicas adaptadas para o público infantil, com linguagem adequada às crianças e ilustrações. Para a tradução selecionamos 3 histórias bíblicas: O nascimento de Jesus, A Santa Ceia. Jesus é crucificado. A seleção dessas histórias se deu por serem narrativas que apresentam a vida de Jesus Cristo até a sua morte, possibilitando às crianças surdas de compreenderem mais sobre Ele, e assim fortalecer a sua fé.

3.3 Procedimentos metodológicos

Inicialmente, realizou-se, por meio de uma abordagem descritiva, a análise do material, focalizando os aspectos literários e linguísticos, a sua relevância dentro do contexto religioso, a acessibilidade linguística e a sua aplicabilidade em espaços não escolares, em específico na EBDI.

Posteriormente produzimos uma análise do material traduzido. Para isso, serão adotados os seguintes procedimentos metodológicos: A análise e adaptações do texto original utilizando as estratégias de tradução para a Libras, a coleta de dados que será realizada por meio das gravações das traduções dos materiais selecionados, sendo eles O nascimento de Jesus, A Santa Ceia e Jesus é crucificado, as quais serão armazenadas e posteriormente editadas, após as edições as traduções foram compartilhadas na plataforma YouTube e acessadas por meio de um Qr Code disponibilizado neste trabalho, posteriormente iremos analisá-las realizando uma comparação interlinguística entre a língua-fonte (língua portuguesa) e a língua-alvo (libras), por meio dessas comparações identificamos os padrões e os desafios encontrados durante o processo de tradução desse material, a sua importância e a sua contribuição tendo em vista os objetivos propostos na pesquisa, por fim criamos um produto tradutório que pode ser utilizado como recurso didático em espaços não escolares.

Na seção seguinte, apresentaremos a descrição do material e as análises realizadas, para embasar os pontos analisados nos apropriamos dos estudos dos teóricos presentes na bibliografia deste estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As histórias presentes no material (2023) foram retiradas da Bíblia Sagrada e adaptadas para a linguagem infantil, tornando-se assim histórias breves, de fácil compreensão além das ilustrações infantis que despertam o interesse das crianças, tornando as histórias mais lúdicas. Do início ao fim do material, em todas as ilustrações das histórias há um personagem chamado Jesus, ele se apresenta como narrador. Durante o material há algumas páginas em que Jesus aparece para fazer algumas observações pertinentes aos assuntos tratados, elucidando e chamando a atenção dos pequenos leitores, os quais ele se refere como “amiguinhos”, sobre o que irá acontecer nas próximas páginas, promovendo interação e diálogo com o leitor.

Esse material é de grande importância para as crianças, pois oferece textos cuidadosamente adaptados e pensados nas necessidades e limitações do público infantil, proporcionando uma compreensão clara das histórias da Bíblia Sagrada, que dependendo da sua tradução possui uma linguagem mais complexa para a compreensão de crianças, por se tratar de um texto há muito tempo, com muitas figuras de linguagens e em uma cultura antiga. O material analisado pode ser utilizado como um recurso nas aulas da EBDI, recorrendo ao seu uso em formato digital, bem como físico. Através desse recurso (2023), as crianças poderão compreender os pilares que sustentam sua fé, entender o que é certo e errado dentro da cultura religiosa, aprender lições valiosas quanto ao seu caráter que está em formação, como também ao próximo e o principal, conhecer a Deus, a Jesus e ao Santo Espírito, assuntos pertinentes ao contexto que as crianças estão inseridas. Diante da apresentação do arquivo, podemos compreender a sua importância e significado dentro do meio religioso para crianças cristãs e as que desejam ingressar nessa religião.

A primeira (Imagem 2) história é **O nascimento de Jesus** (texto na Bíblia Sagrada: Lucas 2. 1-7). A história narra que o anjo Gabriel apareceu a Maria e disse que ela teria um filho que seria concebido pelo Espírito Santo, Maria então contou para o seu noivo José, porém ele só creu quando o próprio anjo apareceu a ele em sonho, então eles se casaram. Por ordem do governo tiveram que sair da cidade que estavam e ir para Belém, chegando lá não encontraram estadia, por isso tiveram que ficar em um estábulo, e foi lá que Jesus nasceu. A história conta que o momento do nascimento de Jesus foi marcado pelo aparecimento de anjos no céu, os quais louvavam e adoravam a Deus e uma estrela brilhante no oriente. Jesus recebeu a visita dos pastores de ovelha e dos reis magos que trouxeram valiosos presentes para ele. Como mostra a imagem 02, a seguir.

Imagem 02: Capa da História “O nascimento de Jesus”.



Fonte: Martins (2023, p. 75).

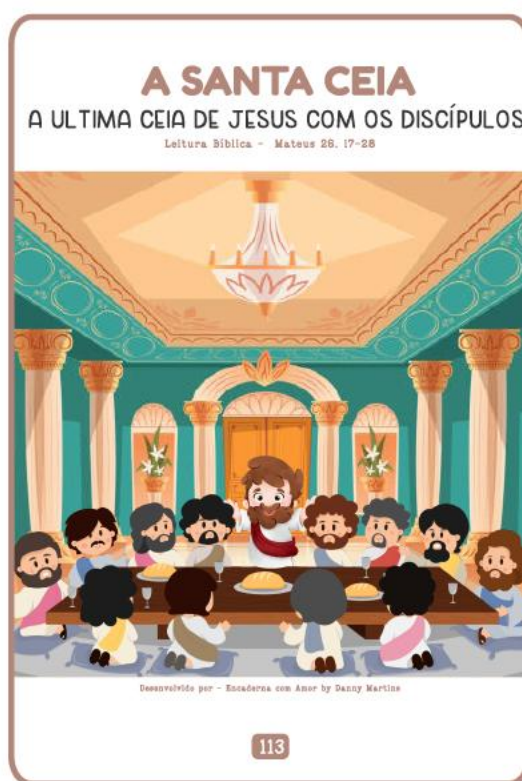
A história registra um acontecimento significativo para a comunidade cristã. O nascimento de Jesus, é o maior símbolo do amor e da fé, tudo em que os cristãos acreditam para o futuro, toda a esperança que possui só é possível a partir do seu nascimento, morte e ressurreição, por isso essa narrativa faz-se necessária nas aulas da EBDI e torna-se totalmente oportuno a sua aplicabilidade.

Amarilha (2006), explica que a leitura “projeta seu conhecimento de mundo e sua capacidade de recombina-lo, mental e imaginativamente” (AMARILHA, 2006, p.75), quando pensamos nesses aspectos, podemos observar que a leitura dessa obra proporciona esse despertar imagético nas crianças, pois ela é esteticamente agradável, interativa, através do enredo e das ilustrações (Imagem 2) estimula a imaginação, proporcionando a recriação das cenas mentalmente.

A linguagem do texto original é de fácil compreensão, promovendo clareza na apresentação das informações, personagens e acontecimentos. Diante dos pontos apresentados, podemos concluir que esse material pode ser utilizado como ferramenta no ensino da EBD, podendo extrair excelentes resultados quanto ao ensino-aprendizagem das crianças.

A segunda narrativa (Imagem 3) é a **Santa Ceia** (texto na Bíblia Sagrada: Lucas 22. 7-20). Nesta, o narrador inicia apresentando os milagres e ações de Jesus, e como isso despertou o ódio dos líderes religiosos, os quais pagaram ao discípulo Judas 30 moedas de prata, para que entregasse Jesus às autoridades. Antes de Jesus ser entregue, ele convida seus 12(doze) discípulos para a Santa Ceia. No momento dessa reunião, a Santa Ceia, Jesus fala que iria ser traído, e o traidor estava sentado à mesa. Judas logo questiona se é ele. Essa ceia seria diferente das passadas, pois o pão e o vinho representariam o corpo de Jesus que seria ferido na cruz e o seu sangue que seria derramado, e aquele derramamento simbolizaria o perdão dos pecados da humanidade, após esses esclarecimentos, e de agradecer a Deus, Jesus recomenda que os discípulos comam do pão e beba do cálice. Ilustrado na imagem 03, a seguir.

Imagem 03: Capa da história “A Santa Ceia” .



Fonte: Martins (2023, p. 113).

Essa obra (2023) se faz necessária para o público cristão infantil pois apresenta um momento significativo nas práticas religiosas. Em que, até o presente a comemoração da páscoa era feita de outra forma, as pessoas sacrificavam um cordeiro, e realizavam as ordenanças do antigo testamento. A partir deste acontecimento, a Santa Ceia³, até os dias atuais, os cristãos

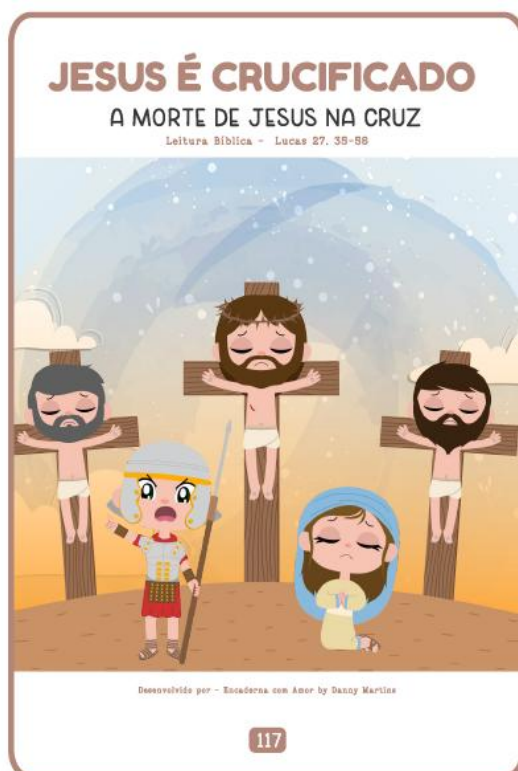
reproduzem esse momento ensinado por Jesus, em determinados períodos de tempo, portanto, a aplicação deste material é de grande valia para ensinar sobre a importância e o significado desse momento, que faz parte da cultura das crianças cristãs, mesmo que de forma indireta, pois eles não participam diretamente deste momento.

Como apresentado pelo filósofo Aristóteles (2008), por se tratar de uma representação da realidade daquela época é possível que se tenha elementos ou rituais culturais, aos quais as crianças não tenham conhecimento, como é o caso desta narrativa ela possui elementos da cultura antiga presente no texto original (Mateus 26:17-28), como por exemplo “a festa dos pães asmos”, para se referir a festa da páscoa, o termo “fruto da vide” fazendo referência a uva, porém a autora (2023) tem a preocupação de adaptar toda a linguagem para público infantil, para que o texto seja de fato compreensível para as crianças ouvintes sem que haja prejuízo quando a informação principal.

A terceira obra (imagem 4) é **Jesus é Crucificado** (história na Bíblia Sagrada: Lucas 23. 1-46). o Narrador conta que após ser preso de forma injusta, Jesus foi levado até a presença de Pilatos, onde por desejo das pessoas que estavam presentes, ele foi condenado à morte de cruz. O texto narra todos os acontecimentos e momentos de dor sofridos por Jesus, desde as agressões físicas, zombarias, a coroa feita com espinhos que foi colocado sobre a sua cabeça e a cruz pesada que teve que carregar até o alto do monte, onde teve seus pés e mãos pregados na cruz. O narrador enfatiza também o choro dos amigos de Jesus, e o momento em que Jesus pede para Deus perdoar as pessoas que estavam zombando e rindo dele.

Imagem 04: Capa da narrativa “Jesus é crucificado”.

³ Santa ceia: Reunião da igreja evangélica onde é lembrado a morte de Jesus na cruz, para isso, é reproduzido o momento que Cristo partiu o pão e entregou o cálice.



Fonte: Martins (2023, p. 117).

Assim como as demais obras apresentadas, essa tem seu valor ímpar dentro do âmbito religioso, podendo ser utilizada pelos professores de EBD nas aulas, com o objetivo de ensinar sobre a crucificação de Jesus. Apesar de ser uma narrativa com fortes acontecimentos para o entendimento de crianças, a autora (2023) busca não se deter nem descrever as cenas detalhadamente, apenas registra as informações principais, para cumprir com o objetivo do texto que é apresentar como ocorreu a morte de Cristo. A autora (2023) ainda mantém uma linguagem sem metáforas, com verbos simples e frases objetivas. A ilustração (Imagem 4) por sua vez permite às crianças reconhecerem os elementos e personagens do texto, como por exemplo a cruz, a coroa, os soldados e os ladrões que foram crucificados juntos com ele e possibilitando a imaginação das crianças a partir do imagético (Amarilha 2006). Através do imagético proposto pela autora da obra e por Amarilha (2006), é possível proporcionar uma recriação desta cena, despertando a emoção das crianças. Como propõe João Leonel (2016 p.), “A leitura dos textos canônicos deverá ser sensível”, desta forma, a obra vai apresentar, através da compreensão do sofrimento de Cristo, para perdoar os pecados da humanidade, uma compreensão mais humanizada, comprovando que a literatura desperta em nós os mais diversos sentimentos e por fim nos humaniza (Candido, 1995).

4.1 A obra literária em mãos: acessibilidade linguística para surdos

Nesta sessão iremos nos deter à análise das traduções, nos seus aspectos literários e linguísticos, as possibilidades de aplicabilidade deste recurso no espaço não escolar (EDB) como também a sua importância dentro desse contexto.

Tabela 01 - Recorte da tradução - O nascimento de Jesus.

TABELA 1		
		
SINAL - NASCER	SINAL - JESUS	

Fonte: Elaboração própria (2025).

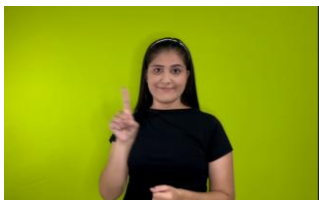
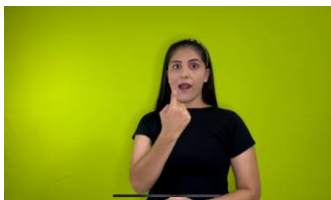
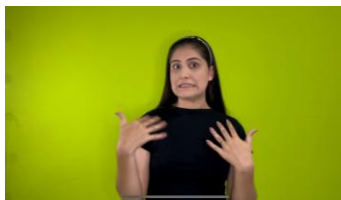
A primeira análise será da obra **“O nascimento de Jesus”** (tabela 1). O nascimento de Jesus é uma das narrativas mais conhecidas da Bíblia Sagrada, muito reproduzida no Natal, época que celebramos esse acontecimento, celebração típica do povo cristão. Por está inserida em um contexto que já é vivenciado pelos surdos, e pelo valor religioso empregado, a sua aplicabilidade faz-se essencial nas aulas da EBDI. Para tanto, a tradução da história é necessária pois garante a acessibilidade linguística aos surdos, e através dela possibilitamos a ampliação de seus conhecimentos sobre a religião que segue e tratando também, neste caso, da cultura religiosa.

Com esse objetivo, Mourão (2012) explica que as obras traduzidas proporcionam um acervo literário, possibilitando a aprendizagem dos surdos sobre pontos essenciais para o desenvolvimento da sua cultura. Tratando sobre esse desenvolvimento Strobel (2009, p.19) apresenta que “ A cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza, expressando claramente que não surge com o homem sozinho e sim das produções coletivas que decorrem do desenvolvimento cultural experimentado por suas gerações passadas”, a autora (2009) explica de onde surge essa cultura, e que ela não surge sozinha, a cultura é construída partindo das experiências vividas pelas gerações passadas, das alterações sofridas, e

repassadas para nós através das vivências que participamos e dos registros que estudamos, por isso é de suma importância que não se tenham barreiras na difusão dessa cultura, sejam elas sociais ou linguísticas.

Quanto aos aspectos Literários Infantis, podemos observar na tradução, que os sinais utilizados são de fácil compreensão, os aspectos sintáticos e pragmáticos (Quadros e Karnopp 2004) foram explorados de forma a contribuir com a clareza na apresentação das informações. Analisaremos:

Tabela 02 - Recorte da tradução - O nascimento de Jesus: Expressões não manuais.

TABELA 2		
		
Expressão facial: Negativo	Expressão facial: Surpresa	Expressão facial: Aflição

Fonte: Elaboração própria (2025).

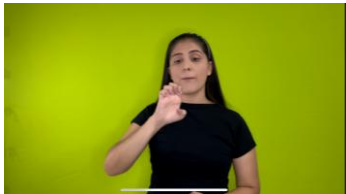
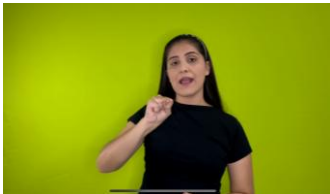
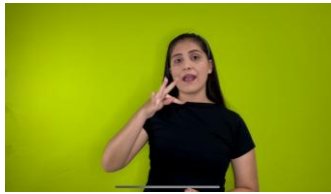
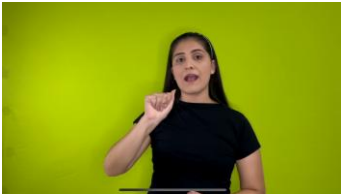
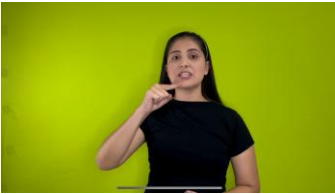
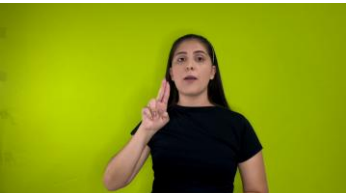
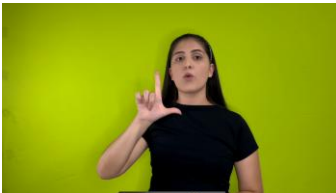
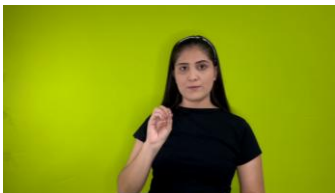
Nas Língua de Sinais temos um parâmetro muito importante, as expressões não manuais ou expressões faciais e corporais, segundo Quadros e Karnopp (2004) as expressões não manuais possuem um papel fundamental para a compreensão da sinalização, elas são responsáveis por:

[...] marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. As expressões não manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações, concordância e foco (Quadros e Karnopp, 2004, p. 60).

Para Quadros e Karnopp (2004) as expressões não manuais são o que atribuem sentido às frases através das emoções depositadas durante a sinalização. Elas fazem marcação entre o que interrogação, afirmação, positivo, negativo, ou expressão de sentimentos e emoções. A utilização correta deste parâmetro garante que a sinalização seja clara e objetiva. Cientes disso,

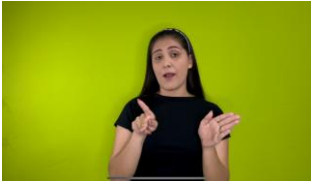
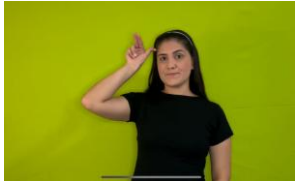
a tradução dessa obra foi adaptada cuidadosamente para que as expressões não manuais fossem utilizadas de forma correta, e o público alvo (público infantil) tivesse a possibilidade de sentir as emoções apresentadas na narrativa e compreender o significado do texto. É possível que uma criança não compreenda um sinal, entretanto, raramente não entenderá uma expressão facial, pois elas fazem parte das nossas experiências de comunicação desde a nossa infância.

Tabela 03 - Recorte da tradução - O nascimento de Jesus: Datilologia - Estábulo.

TABELA 3		
		
-E-	-S-	-T-
		
-A-	-I-	-B-
		
-U-	-L-	-O-

Fonte: Elaboração própria (2025).

Tabela 04 - Recorte da tradução - O nascimento de Jesus: Sinal - Estábulo.

TABELA 4		
		
SINAL: LOCAL	SINAL: PRÓPRIO	SINAL: CAVALO

Fonte: Elaboração própria (2025).

Analisando o aspecto cultural, podemos compreender que alguns sinais/termos não estão inseridos no dia a dia ou experiência das crianças, quando acontece essa ausência de sentido direto de uma língua para a outra, é possível utilizar-se de algumas estratégias de tradução para que a informação seja transmitida e não haja prejuízo semântico.

Sobre isso, Miranda et al (2011) corrobora que o profissional tradutor intérprete,

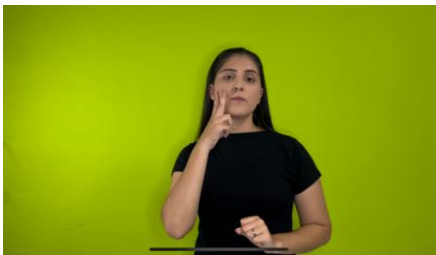
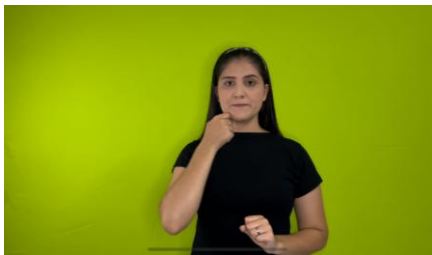
(...) não só se preocupa em produzir um texto na língua-alvo que se assemelhe interpretativamente ao texto na língua-fonte, seguindo as regras gramaticais da língua-alvo e considerando o contexto comunicativo, mas orienta-se por uma série de fatores sociais, políticos e culturais implicados no texto e no público-alvo (Miranda et al, 2021 p. 308-309).

A autora (2011) explica que para se traduzir um texto, não se é necessário apenas conhecer a língua e sua estrutura gramatical, e tão pouco apenas as técnicas de tradução, é necessário entender também os fatores culturais que estão presentes no texto e no público alvo. Pensando nisso, observe a tabela 4, a palavra “estábulo” possivelmente não está inserida na cultura do público infantil, ao qual está tradução se direciona, todavia, na tradução realizada houve a preocupação de explicar que o estábulo é um local onde se cria cavalos, logo, a criança conseguirá entender a sentença com clareza.

A segunda obra a ser analisada é “A Santa Ceia” (tabela 5). Obra de grande importância, pois, a mesma está presente tradicionalmente uma vez ao mês na Assembleia de Deus na cidade de Caraúbas, a quem se destina a aplicabilidade deste recurso, momento nomeado como “Culto de Santa Ceia”, no qual é seguido os ensinamentos propostos nesta história.

² Santa ceia: Reunião da igreja evangélica onde é lembrado a morte de Jesus na cruz, para isso, é reproduzido o momento que Cristo partiu o pão e entregou o cálice.

Tabela 05 - Recorte da tradução - A Santa Ceia.

TABELA 5	
	
SINAL: PÃO	SINAL: VINHO

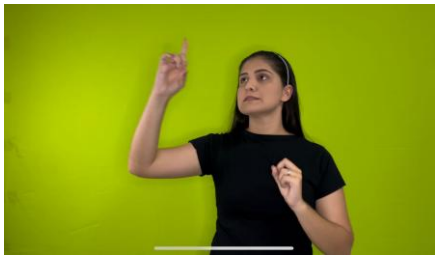
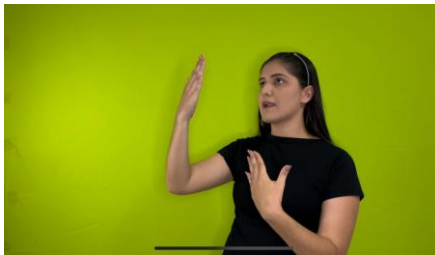
Fonte: Elaboração própria (2025).

Tendo em vista a sua importância, concluímos que a sua aplicação é essencial para explicar às crianças surdas o real sentido daquele momento. Podemos pensar uma proposta interessante quanto o ensino e a aplicação deste recurso, de acordo com Souza e Castro (2023), “As obras literárias trazem reflexões sobre temáticas que muito além de uma crença ou religião são fundamentais para pensar sobre as sociedades ocidentais”, histórias de ações que se perpetuam até hoje, possibilitam-nos a fazer reflexões sobre as práticas sociais, trazendo um contraste de vivências e práticas da época em que o acontecimento foi narrado e as de hoje, trazendo aspectos da cultura, valores e ensinamentos.

Quanto aos aspectos linguísticos, segundo Quadros e Karnopp (2004), a Língua de Sinais é uma língua de modalidade gestual-visual, pois, as informações linguísticas recebidas são pelos olhos, desta maneira, na tradução da história “A Santa Ceia”, utilizou-se estratégias que viessem a valorizar e explorar a concepção visual do surdo, às autoras (2004) também apresentam a existência do espaço de sinalização, podemos nos apropriar desse espaço para realizar uma sinalização clara e objetiva, de forma a descrever a cena de maneira visual (tabela 6), possibilitando às crianças surdas a compreenderem o que está presente na narrativa, e também como apresentado anteriormente, na sua cultura.

Tabela 06 - Recorte da tradução - A Santa Ceia: Sinalização - Agradecer a Deus.

TABELA 6

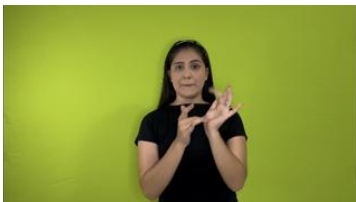
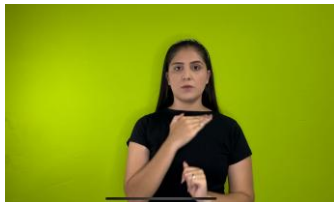
	
SINAL: DEUS	SINAL: AGRADECER

Fonte: Elaboração própria (2025).

Como apresentado o exemplo na tabela 6, na sinalização da frase “agradeceu à Deus” do texto original em português, foi sinalizado “Deus agradecer” em Língua de Sinais. Através da utilização do espaço de enunciação (Quadros e Karnopp 2004), foi realizado inicialmente o sinal de “Deus”, posteriormente nos apropriamos das expressões não manuais (Quadros e Karnopp 2004), nos referimos a ele (Deus) direcionando os olhos e o corpo, e por fim foi feito o sinal de agradecimento, desta forma, explorando os recursos fonológicos e sintáticos da Língua Brasileira de Sinais, possibilitou-se uma tradução clara e objetiva da informação.

A terceira obra a ser analisada é “**A crucificação de Jesus**” (Tabela 7). A aplicação dessa narrativa é indispensável dentro das aulas da EBDI, tendo em vista a relevância desse acontecimento, a morte de Jesus, para os cristão. A morte de Cristo, como a Bíblia Sagrada narra, se deu para que a humanidade alcançasse o perdão de Deus e a salvação da sua alma (João 3:16) logo, os cristãos buscam alcançar esse objetivo todos os dias. É essencial que as crianças surdas conheçam a religião que professam e entenda os seus princípios e propósitos.

Tabela 07 - Recorte da tradução - A Crucificação de Jesus

TABELA 7		
		
SINAL: JESUS		SINAL: MORTE

Fonte: Elaboração própria (2025)

Podemos observar que essa história trás manifestações culturais, a morte de Cristo tradicionalmente é apresentada em forma de encenação no feriado nomeado “Sexta-feira da Paixão” (Lei nº 9.093 de 9 de setembro de 1995) devido ao período da páscoa, onde se comemora a ressurreição de Jesus e refletimos sobre a sua morte. Strobel (2008) em seus estudos sobre a cultura, explica que, o povo surdo por está inserido em uma região geográfica, é pertencente a sua cultura, neste caso estando a criança surda inserida na cultura religiosa, podemos refletir sobre as contribuições significativas que esse material apresenta para o seu conhecimento.

A sinalização da obra utilizando os recursos que a linguística da Libras oferece, torna a tradução clara e objetiva quanto ao foco do texto, de forma que as crianças consigam compreender a morte de Cristo mesmo ele sendo inocente, para perdoar os pecados da humanidade e possibilitar a vida eterna, de forma que as emoções sejam sentidas pelos interlocutores. Essas práticas visam valorizar a língua e a visualidade dos surdos, como corrobora Strobel (2009, p.46) “A língua de sinais é uma língua prioritária do povo surdo que é expressa através da modalidade espacial-visual”.

As traduções das obras: O nascimento de Jesus, A santa ceia e a crucificação de Jesus, buscam promover acessibilidade linguística para as crianças surdas da EBDI da Assembleia de Deus no município de Caraúbas RN, partindo da sua língua natural, a língua de sinais, (Strobel 2009, p.46), de forma a pensar a surdez como a presença não ausência, valorizando sua identidade por meio da língua e cultura como apresenta (Strobel 2008). Esse material possibilita a compreensão de um pilar fundamental da fé cristã, Jesus. Partindo disso, as crianças poderão fundamentar a sua fé e compreender os princípios da sua fé.

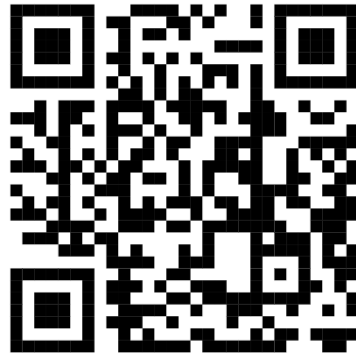
4.3. Qr Codes das traduções:

Imagem 05: Qr Code: O nascimento de Jesus



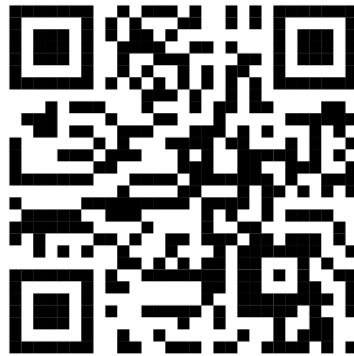
Fonte: Site MeQr

Imagem 06: Qr Code: A Santa Ceia



Fonte: Site MeQr

Imagem 07: Qr Code: A Crucificação de Jesus



Fonte: Site MeQr

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta da comunidade surda quanto aos seus direitos foi imprescindível para que os alcançassem, sendo a sua história marcada por uma variedade de acontecimentos, alguns contribuíram positivamente e outros culminaram em prejuízos e agravos à sua cultura, identidade e direitos. Durante anos, em meio a avanços e declínios, a comunidade surda lutou pelos seus direitos, essas lutas ganharam visibilidade e por conseguinte amparo legal, que as favorecem e possibilitam viver em uma sociedade inclusiva, tendo as suas necessidades atendidas por lei em todas as esferas sociais, todavia, há inúmeros impasses para que os direitos à inclusão e acessibilidade sejam garantidos, como também a valorização das pessoas com surdez.

Os surdos possuem direito à acessibilidade e inclusão em todos os locais que frequentam, sejam espaços públicos ou privados. Nesse sentido, pensamos na garantia desses direitos, que são assegurados por lei, dentro do âmbito religioso, refletindo as suas necessidades e de que forma poderíamos contribuir.

Iniciou-se observações das aulas da EBDI, da Assembleia de Deus na cidade de Caraúbas/RN, verificou-se a ausência de recursos didáticos acessíveis para o ensino de crianças surdas dentro deste espaço não escolar. Este trabalho intitulado “Análise, tradução e adaptação literária: recurso para crianças surdas em escolas bíblicas dominical” teve como objetivo examinar a obra “Bíblia para crianças - Jesus e as histórias da bíblia” de Martins (2023), com o propósito de elaborar um recurso tradutório didático visual voltado para o ensino de crianças surdas nos espaços não escolares, respeitando e valorizando a cultura e identidade surda.

Cumpriu-se o objetivo e propósito, através da apresentação da tradução de três histórias que estão inseridas na obra de Martins (2023) sendo elas: O nascimento de Jesus, A Santa Ceia e Jesus é crucificado. As traduções foram desenvolvidas com ênfase na comunicação em Língua de Sinais, apropriando-se da linguística, pensando nos aspectos semânticos, sintáticos e pragmáticos da língua e utilizando-se das técnicas e conhecimentos de tradução. De posse dessas traduções, elaborou-se uma análise reflexiva das contribuições que esse material didático tradutório ofereceria na aprendizagem dos conteúdos religiosos e fortalecimento da identidade surda na Escola Bíblica Dominical.

Comprovou-se com a análise realizada que o recurso tradutório didático visual elaborado e proposto neste trabalho é de grande relevância quando pensamos nos seus aspectos inclusivos, no ensinamento e fortalecimento da fé cristã como também na valorização do surdo, nos aspectos culturais e de identidade. Diante disso, concluímos que essas traduções se fazem

necessárias, tendo em vista a suas contribuições significativas e a ausência de recursos didáticos como este nas aulas da EBDI da Assembleia de Deus na cidade de Caraúbas/RN.

Desta forma, conseguimos encontrar pontos e/ou papéis comuns a religião e a literatura, neste caso o seu papel humanizador, ambas possuem ensinamentos e nos apresentam, através do texto, virtudes capazes de nos tornar mais humanos. Os principais ensinamentos que a Bíblia nos traz é sobre o amor a Deus e ao próximo, a humildade, compaixão e união, virtudes que refletem diretamente em nosso papel como agente transformador da sociedade, através desses ensinamentos é possível alcançar a mudança na vida das pessoas, “O impacto que a Bíblia teve e tem na vida das pessoas transpôs a leitura massificada” (Magalhães, 2000, p. 06). Além disso, o objetivo e o papel dessas narrativas têm pontos em comum. As narrativas bíblicas assim como os textos literários, trazem através da ficção (em alguns momentos) histórias que nos permitem vivenciar através da leitura e imaginação, acontecimentos que não estamos presentes fisicamente, mas podemos extrair lições, encontrar escape para a realidade difícil que vivemos e refletir criticamente.

É interessante refletir que, assim como a literatura se apropria das expressões da cultura do povo, a Bíblia também retrata a cultura da época, quando estamos lendo e estudando as narrativas bíblicas, devemos sempre nos preocupar em ler aos olhos da cultura do povo para que a compreensão ocorra de forma integral. Além da cultura podemos ver retratado nas narrativas as vivências do povo, a exemplo, as principais atividades desenvolvidas para o sustento da família, as vestimentas, os costumes, as leis, a divisão das tarefas familiares entre outros. Essas vivências dos humanos e a cultura, no texto e na experiência do leitor, são as principais contribuições que a literatura pode oferecer à leitura e interpretação das narrativas bíblicas.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. C. & L. B. KARNOPP. 2002. **O surdo como contador de histórias**. In: A. C. B. LODI, K. M. P. HARRISON, S. R. L. de CAMPOS & O. TESKE. Orgs.. Letramento e Minorias Porto Alegre: Mediação, 71-75.

Alves, Rubem. **Perguntaram-me se acredito em Deus**. Brasil: Paidós, 2025.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: leitura crítica na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

AMBRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas. Ana Maria Valente, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. 3ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008 (Coleção Textos Clássicos).

BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca**: uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001

BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República,. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 30 set. 2024

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República,. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/L14704.htm. Acesso em 30 set. 2024

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República,. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 30 set. 2024

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República,. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9093.htm

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 3. ed São Paulo: Duas cidades; 1995.

CARDOSO FILHO, Antonio. **Teoria da Literatura I**. Antonio Cardoso Filho -- São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

CARVALHO, Paulo Vaz. **Breve história dos surdos no mundo e em Portugal**. Lisboa: Surd'Universo. 2007.

COUTO, Cleber. **Casal Feliz**. Ilustrações: Cleber Couto, Belém – Pará, 2010. DERRIDA, Jaques. Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2001. AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. Teoria da literatura. 8 ed. Coimbra: Almedina, 1997

Encyclopédie de D'Alembert & Diderot, 1751. DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**: mídia, poder, revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

GESSER, A. **LIBRAS?** Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009. Karnop 2008

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

GULLAR, Ferreira. **Não há vagas**. 1963. In: Antologia Poética. Perdizes: Editora Summus, 1980.

HESEL, C., ROSA, F., KARNOPP, L. B. **Cinderela Surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, L. B. **Literatura surda**. ETD: Educação Temática Digital, v. 7, p. 2, 2006

KARNOPP, Lodenir Becker. **Produções culturais de surdos**: análise da literatura surda. Cadernos de Educação (UFPEL), v. 19, p. 155-174, 2010.

KUCHENBECKER, L. G. **O Feijãozinho Surdo**. Canoas, RS: Ed. Ulbra, 2011.

LEÃO, Lourdes Meireles. **Metodologia do estudo e pesquisa**: facilitando a vida dos estudantes, professores e pesquisadores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

LEBEDEFF, T. **Reflexões sobre adaptações culturais em histórias infantis produzidas para a comunidade surda**. In: ORMEZZANO, G.; BARBOSA, M. (Org.). Questões de Intertextualidade. Passo Fundo: UPF, 2005, p. 179-188.

LEONEL FERREIRA, João Cesário. **Religião e linguagem literária**: contribuições da literatura para a interpretação de textos religiosos. Reflexão, Campinas, v. 41, n. 1, jan./jun. 2016, p. 47-59.

LEVY, Cilmaria Cristina Alves da Costa. **História da Surdez**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão. UNA-SUS/UFMA, 2019

Macdonald, Lee Martin. **A origem da Bíblia**: um guia para os perplexos .Lee Martin Macdonald ; [tradução Euclides Luiz Calloni]. — São Paulo: Paulus, 2013. — (Coleção Biblioteca de estudos bíblicos)

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2008, (4v.)

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras**: Teologia e literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.

MELO, Fábio de; KARNAL, Leandro. **Crer ou não crer: uma conversa sem rodeios entre um historiador ateu e um padre católico**. São Paulo: Planeta, 2017.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. 1. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 1988.

MIRANDA, Christianne Câmara; GONÇALVES, José Luiz; RODRIGUES, Carlos Henrique. **Uma reflexão inicial sobre o processo de tradução/revisão de um texto produzido por uma Pessoa Surda em Português escrito**. In: Cadernos de Tradução. Santa Catarina - SC. 2021, p. 303-333.

MOURA, Maria Cecília. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

MOURÃO, C. H. N. **Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais**. IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região sul. 2012.

MOURÃO, Cláudio H. N. **Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais**. Dissertação (Mestrado em Educação) - PPGE-UFRGS. Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, MARCELLE COLARES; - VPONTE@FORTALNET.COM.BR, Vera Maria Rodrigues Ponte; BARBOSA, JOÃO VICTOR BEZERRA. **Metodologias de Pesquisa Adotadas nos Estudos sobre Balanced Scorecard**. Anais do Congresso Brasileiro de Custos - ABC, [S. l.], Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/1701>. Acesso em: 1 mar. 2025.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2003.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. São Paulo: Artmed, 2007. 221 p. (Biblioteca Artmed. Lingüística).

ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Adão e Eva**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005

ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. **Patinho Surdo**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. **Cinderela Surda**. Canoas: Editora Ulbra, 2003.

SILVEIRA, R. H. **Contando histórias sobre surdos(as) e surdez**. In: COSTA, M. (Org.). Estudos Culturais em Educação. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

SOUZA, C. M. de; CASTRO, W. **Diálogos sobre o cristianismo na literatura: espiritualidade e dramas sociais**. TEOLITERARIA - Revista de Literaturas e Teologias, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 212–236, 2023. DOI: 10.23925/2236-9937.2023v30p212-236. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/61881>. Acesso em: 1 mar. 2025

STROBEL, Karin Lilian. Surdos: **Vestígios Culturais não Registrados na História**. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

STROBEL, Karin. **As imagens do Outro sobre a cultura surda** 2. ed. revisada. Florianópolis: Editora UFSC, 2009.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller. **Poesia em língua de sinais**: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller (org.). Estudos Surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação, 1º edição, São Paulo, Atlas. 2011

Why Faith Matters: Rabbi David J. Wolpe (A Importância da Religião: Rabbi David J. Wolpe) **palestra proferida na Universidade de Emory**, 21 de outubro de 2008.